



jornada dos grupos de pesquisa em **semiótica**
7, 8, 9 de agosto de 2017 - ECA - USP

Resumos



III Jornada dos Grupos de Pesquisa em Semiótica

Universidade de São Paulo

Escola de Comunicações e Artes

São Paulo, 07 e 08 de agosto de 2017

Universidade de São Paulo

Reitor: Marco Antonio Zago

Vice-reitor:

Escola de Comunicações e Artes

Diretor: Eduardo Monteiro

Vice-Diretora: Brasilina Passareli

Comissão de Pesquisa

Presidente: Silvio Ferraz

Departamento de Comunicações e Artes (CCA)

Chefia: Maria Cristina Palma Mungioni

Vice-Chefia: Maria Cristina Castilho Costa

PPG em Meios e Processos Audiovisuais

Coordenadora: Esther Império Hamburger

Vice-Cordenadora: Irene Machado



Apresentação

A proposta que elegeu o estudo dos problemas semióticos como tema central das Jornadas dos Grupos de Pesquisa em Semiótica realizadas anteriormente (2015 e 2016) teve como objetivo valorizar a investigação semiótica em seus aspectos qualitativos. Procurou-se abrir espaços para que metodologias de trabalho em que o pensamento teórico sobre os signos contribuem, pudessem efetivamente dimensionar o alcance para a análise de questões emergentes da pesquisa semiótica onde quer que houvesse necessidade de compreender o papel do signo na geração de sentido e da semiose no desdobramento dos processos de significação.

Os intensos debates que ocuparam o espaço da II Jornada, realizada em Salvador em 2016, compuseram uma agenda de problemas semióticos que tanto derivam de abordagens teóricas em pauta como reorientam os parâmetros e diretrizes conceituais do campo semiótico. A Jornada não só se firmou como necessidade como também se projetou como possibilidade de acolher as novas concepções que redimensionam todo o campo de pesquisa, o justifica a pertinência e urgência em preservar e ampliar sempre o espaço de debate numa Jornada subsequente. Esse é o espírito que nos orienta na proposição da III Jornada dos Grupos de Pesquisa em Semiótica em atuação no Brasil hoje.

Com base nas conquistas alcançadas e face às demandas e desafios que surgem e estão a reivindicar aprimoramentos dos estudos pela perspectiva do signo, a III Jornada propõe a continuidade dos debates dos **problemas semióticos**. Contudo, propõe ainda conclamar os pesquisadores a enfrentar um de nossos grandes desafios: aquele que diz respeito à **formação nos estudos semióticos com base em orientações da**



crítica. Com um destaque para o **ensino da semiótica** foi proposta uma ampliação do escopo no tratamento dos problemas semióticos de modo a aprofundar os vínculos de sua configuração epistemológica e metodológica.

Não há como negar a contínua expansão da área de atuação dos estudos semióticos na segunda metade do século XX, que envolveu o reconhecimento da ampliação dos problemas com os quais a semiótica deve lidar que, de teoria geral dos signos e da significação, partiu-se para o estudo da semiose, ou seja, da atividade interativa entre produções, capazes de deflagrar a ação inteligente do signo na geração de outros signos e de toda a cadeia de significação. Isso implica um tratamento do processo de significação à luz dos funcionamentos específicos de sua própria constituição.

Observa-se que o avanço da teoria do signo construiu um legado que se desdobrou para além da constatação de que a representação por si só se encarrega de construir as diferentes injunções sgnicas. A diversidade de investigações que tomam como referência o mundo dos signos apontam para a noção segundo a qual onde houver entendimento haverá semiose e, portanto, haverá exposição a um problema semiótico a espera de investigação.

A Jornada surge como encontro científico para atender a essa demanda: o estudo do problema semiótico em pesquisas que em diferentes campos epistemológicos se dedicam ao entendimento da semiose. Demanda essa que se insere numa perspectiva mais ampla das investigações centradas na expansão da semiose nos processos da comunicação cultural na vida histórica da civilização. Ainda que o problema semiótico considere que semiose não se encontra restrita à



cultura humana, é importante ressaltar que o entendimento se manifesta diferentemente na diversidade das relações de espaço-tempo históricos.

Daí o pressuposto norteador da concepção do encontro em torno da noção de problema semiótico, não como manifestação da representação imediata das coisas do mundo, mas como transformação das coisas em signos. Por conseguinte, não se trata de revelação das propriedades dos objetos mas do entendimento humano em elaborações vinculadas às contingências sem as quais nenhuma investigação sobrevive.

Entender o problema semiótico exige reconhecer qual o papel de diferentes linguagens no processo de semiotização da comunicação e das interações culturais. Isso porque, ao contrário da ideia corrente, linguagem não se limita a ser um mero "veículo" de transporte de um sentido de um ponto a outro, de modo que caberia à análise semiótica meramente desvelá-lo. Afinal, deve-se à linguagem todo o processo de transformação que organiza os sistemas de signos em cultura e, por conseguinte, cria possibilidades de tangenciar o universo dos sentidos. Tal perspectiva impede que a semiótica seja vista por um viés identitário, pois não cabe a ela dizer qual "é" o sentido de algo, mas oferecer uma epistemologia capaz de dar condições para discriminar o espaço de relações que envolvem o devir das linguagens e dos sentidos na cultura.

Tal é o ambiente de ideias que tem sustentado os encontros da Jornada dos Grupos de Pesquisa em Semiótica.

Visando dar continuidade à discussão iniciada em 2015 e consolidada em 2016, a III Jornada mantém a discussão do problema semiótico vinculando, agora, as práticas de ensino e de formação do pesquisador, estudioso, professor, como se pode ler na chamada de trabalhos.



Comissão Científica

Alexandre Rocha da Silva (UFRGS)
Fábio Sadao Nakagawa (UFBA)
Fátima Aparecida dos Santos (UNB)
Giovandro Marcus Ferreira (UFBA)
Irene Machado (USP)
Lucrécia D'Aléssio Ferrara (PUCSP)
Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa (UFRB)
Ronaldo Henn (UNISINOS)

Comissão de Organização

Alexandre Rocha da Silva (UFRGS)
Fábio Sadao Nakagawa (UFBA)
Fátima Aparecida dos Santos (UNB)
Irene Machado (USP)
Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa (UFRB)



Sumário

12 Aspectos emocionais da memória criadora em Lúri Lótman. GP Memória, Comunicação e Consumo – ESPM-SP: Mônica Rebecca Ferrari Nunes

16 Comunicação: empiria semiótica e episteme comunicativa. GP Espacialidade-Visualidade/Comunicação-Cultura – PUC-SP: Lucrécia D’Alessio Ferrara, Regiane de Oliveira Nakagawa, Fábio Sadao Nakagawa, Helena Jacob, Tatiana Pontes, Eduardos Ferandes Araújo, Adriana Vaz Ramos.

19 Comunicação e cognição: aproximações entre máquina semiótica, inteligência artificial e semiótica peirceana. GP em Imagem Midiática – UNISO: Maria Ogécia Drigo e Luís Roberto Albano Bueno da Silva

21 Comunidade de inquirição: definindo o amor nas histórias da comunidade Nyah! Fanfiction. GP em Imagem Midiática – UNISO: Maria Ogécia Drigo e André Luis dos Santos

23 O corpo nômade como território: imagens do refúgio. Unip: Mônica Toledo Silva

26 Corporalidades: linguagem, gênero, perspectivas epistemológicas e espacialidades. GP em Semiótica e Culturas da Comunicação – UFRGS: Nísia Martins do Rosário, Demétrio Pereira, Mariana Somariva, Ricardo Machado

29 Criação ou modificação em design: contribuições de Charles Sanders Peirce para o entendimento do engendramento em design. Centro Universitário Sul de Minas: Romilson Marco dos Santos



32 Da semiose mediatizada: em busca do dispositivo de enunciação.

Centro de Estudos e Pesquisas de Análise do Discurso Mediático (CEPAD) – UFBA: Giovandro Marcus Ferreira, Claudiane de Oliveira Carvalho Sampaio, Ivanise Hilbig de Andrade, Lidiane Santos de Lima Pinheiro

35 A equivalência entre pensamento e signo no artigo *Questões concernentes a certas faculdades reivindicadas para o homem*. GP

TransObjeto – PUC-SP: Tarcísio Cardoso e Gustavo Rick Amaral

38 A escolarização dos intertextos por meio da tradução intersemiótica.

Letras – UEM: Andrew Marinho

42 Greimas e o comportamento gerativo audiovisual do cinema. GP

Perfil-i – UFRJ: Ivan Capeller

45 Fisiognomia e astrologia: semiose da imagem humana. GP

Semiótica da Comunicação – USP: Irene Machado e Leandro Anderson de Loiola Nunes

48 Imagem em movimento: ideias deleuzeanas e peirceanas num mesmo fluxo. GP em Imagem Midiática – UNISO: Maria Ogécia Drigo

51 A importante contribuição de Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal para o ensino de Arte. GE sobre Semiótica

Peirceana da Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG: Ronaldo Auaud Moreira

54 A influência da sociedade de consumo sobre a etnia terena: análise semiótica de desenhos infantis. GP

Identidade, Avaliação e Psicoterapias – Universidade Católica Dom Bosco: Sonia Grubits, Thiago Müller da Silva e Rafael Zanata Albertini



57 Jornalismo cultural sobre artes visuais. GE de Jornalismo Cultural – UFPEL: Gilmar Hermes

60 Leitura de imagens: fotografia, cinema e sinfonias de metrópole. LACIS – Análise da Imagem e do Som – UFRB: Fernanda Aguiar Carneiro Martins

63 Linguagens artísticas e memória em semiose: um trabalho sensível de tradução da cultura amazônica. Centro de Estudos da Oralidade – PUC-SP: Marlise Borges

66 Linhas imaginárias: o enquadramento como conceito das Histórias em Quadrinhos à luz da semiótica. CEFET-MG: Isa Oliveira

69 A necessidade de uma teoria normativa adaptativa de direito internacional com fundamento na teoria da cognição da semiótica de Peirce. Direito-USP: Alex Silva Oliveira

73 Mutabilidade como procedimento no espaço semiótico. GP Semiótica da Comunicação – USP: Irene Machado, Daniela Osvald Ramos, Andréia Moura, Lívia Cristina Machado, Daniel Felipe Fonseca e Douglas Galan

76 A palavra do esporte: ESPORTÍDIA-UFU e a interlocução semiótica enquanto epistemologia na formação acadêmica e profissional em Jornalismo Esportivo. GE Analíticos em Esporte, Jogos e Mídia – UFU: Rafael Duarte de Oliveira Venâncio

79 Por que se faz necessária uma abordagem semiótica para estudar os sistemas urbanos? GP Criatividade e Inovação no Espaço Urbano – UnB: Fátima Aparecida dos Santos



82 Um olhar fenomenológico sobre as categorias analíticas da geografia. GE de Visualização Cartográfica e História da Cartografia – UEM: Fernando Luiz de Paula Santil e Estevão Pastori Garbin

84 A questão do interpretante na investigação de processos de semiose. GP de Leituras Avançadas de Peirce – PUC-SP: Isabel Jungk

87 Realidade virtual: um ensaio sócio-semio-técnico. GP Meios Eletrônicos Interativos – Centro Interdisciplinar em Tecnologias Interativas – USP: Marcelo Zuffo e Eduardo Zilles Borba

90 Resíduos sólidos e interpretantes. GP Semiótica em Educação Ambiental – UEL: Larissa Chaline Lopes-Lima e Patrícia de Oliveira Rosa-Silva

93 As semioses dos paratextos: os filmes que o cinema não viu. Departamento de Artes – UFSC: Patrícia de Oliveira Iuva

96 Semiótica crítica: micropolíticas da comunicação. GP em Semiótica Crítica - UFRGS: Alexandre Rocha da Silva, André Corrêa da Silva de Araujo, Cássio de Borba Lucas, Guilherme Gonçalves da Luz, Luis Felipe Abreu e Mário Arruda

100 Semiótica discursiva e educação: exercício prático para a discussão das coerções do texto. Letras-USP: Elizabeth Harkot de La Taille e Edison Gomes Júnior

101 Semióticas e semiologias: obstáculos epistemológicos de uma relação. PPG em Lingüística Aplicada-UFRJ: Rodrigo Marcelino



104 Teorias semióticas e semiótica da música: algumas contribuições Teórico-metodológicas. MUSIMID – UNIP: Heloisa de A. Duarte Valente; Rodolfo Coelho de Souza, Juliana Oliveira, Yuri BehrKimizuka

106 Territorialidades semióticas: a guerra de sentidos em redes digitais. Laboratório de Investigação de Cibercontecimento – UNISINOS: Ronaldo Henn

108 A tradução intersemiótica enquanto transcrição: um exemplo em Godard. GP Palavra e Imagem em Movimento – PUC-SP: Mariana Outeiro da Silveira

110 Transdução, criatividade e audiodescrição. GP Poéticas Audiovisuais – PUC-MG: Julio Pinto e Flavia Mayer

112 Via(da)gens no vale dos homossexuais: territorialidades semióticas em redes digitais. Laboratório de Investigação de Cibercontecimento – UNISINOS: Ronaldo Henn e Christian Gonzatti

114 O lúdico-erótico na Poética Sonora de Alceu Valença: signos em trânsito e as juntas sintáticas possíveis. Therence Santiago Alves Feitosa

117 Programação



Aspectos emocionais da memória criadora em Iuri Lotman, Mônica Rebecca Ferrari Nunes
Grupo de Pesquisa Memória, Comunicação e Consumo – ESPM-SP

Apresenta-se neste trabalho parte de discussões desenvolvidas com a investigação *Comunicação, consumo e memória: da cena cosplay a outras teatralidades juvenis* (CNPq/PPGCOM-ESPM). Objetiva-se debater os aspectos emocionais da memória criadora trazida por Iuri Lotman¹ considerando-a como problema semiótico, tendo em vista os coletivos jovens que realizam performances voltadas a representações do passado, como steampunks, revivalistas e medievalistas, teatralidades observadas na pesquisa.

Em face ao funcionamento da própria semiosfera, o pensador admite que cultura é memória. “A partir do ponto de vista da semiótica, a cultura é uma inteligência coletiva e uma memória coletiva”². Algumas consequências decorrem dessas asserções: a longevidade de textos e de códigos; o volume de textos; a estabilidade adquirida por alguns deles, durante certo período de tempo, respondendo pelo que se elege memória em uma dada cultura. A mobilidade e o dinamismo próprios da semiosfera contribuem para que os textos, em si mesmos heterogêneos e dialógicos, ganhem diferentes hierarquias e sejam ininterruptamente redistribuídos, atualizados.

O semioticista de Tártu aponta diferenças entre uma memória informativa e uma memória criadora. A informativa diz respeito à conservação dos textos, onde se incluem os mecanismos

¹Iuri Lotman. *La semiosfera I*. Madri: Ediciones Cátedra, 1996.

²Iuri Lotman. *La semiosfera I*. Madri: Ediciones Cátedra, *op.cit.*, p. 157.



de conservação dos resultados finais de certa atividade cognoscitiva. Este gênero de memória tem caráter de um plano, disposto em uma só atividade temporal e subordinado à lei da cronologia. Por outro lado, a memória criadora torna potencialmente todo o texto ativo e não apenas seus resultados finais, a exemplo da memória da arte.

A atualização de textos artísticos na semiosfera tem a ver com sofisticadas leis do movimento da cultura em geral e não pode ser resumida à ideia de que apenas o texto recentemente produzido é mais valioso, pois textos arcaicos podem ser ativados e se tornarem articulações sígnicas memoráveis em determinado momento. Se concordamos com Lotman que esquecimento e recordação desenham um relevo sinusoidal na cultura, devemos compreender que certos textos são iluminados pela memória e que outros submersos na semiosfera vivem em estado de potência.

Dito isso, podemos pensar nos aspectos emocionais da memória e na memória emocional de certa maneira acionada por textos culturais que podemos chamar de textos culturais emocionalmente competentes, em correlação à competência emocional de certos estímulos, tal como mencionados por Damásio³. A estas fundamentações teóricas soma-se o conceito de meme. Cunhado por Richard Dawkins⁴, o meme dispõe de função replicadora como o gene, porém age na cultura sob pressupostos diversos.⁵ Palavras, imagens etc, ao funcionarem como memes

³ Antônio Damásio. *Ao encontro de Espinosa: as emoções sociais e a neurologia do sentir*. Lisboa: Europa América, 2003.

⁴ Richard Dawkins *O gene egoísta*. Lisboa: Gradiva, 1989.

⁵ Mônica Nunes. *A memória na mídia: A evolução dos memes de afeto*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2001. Em longapesquisa, foi possível estabelecer as semelhanças e diferenças entre as transmissões genéticas e meméticas, estas



sujeitam-se à longevidade, estabilidade, fecundidade, mutação, seleção, reprodução e transmissão. Denominamos como memes de afeto⁶ aqueles que tecem a memória cultural contribuindo para torná-la um mecanismo criador, destacando sobretudo a base emocional de certos textos capazes de serem reproduzidos na cultura graças aos afetos tornados memes.

Trazemos os trabalhos de Jean-Pierre Changeux⁷ que considera, no contexto artístico, que a seleção, a escolha de determinadas obras se dá por meio da relevância afetiva dos memes lá transmitidos, e, seguindo Lotman e Uspenskii,⁸ diríamos que se tornam estabilizados; o que se estabiliza permanece como memória, considerando a permanência na mudança.

Os memes de afeto impõem-se no contexto dos fenômenos estéticos, extremamente significativos para o objeto estudado nesta pesquisa, as performances e as teatralidades das cenas steampunk, revivalista e medievalista, por seu turno, textos culturais emocionalmente competentes atualizando outros textos que pareciam esquecidos na semiosfera.

Vimos com Lotman que a memória cultural, criadora, atualiza textos remotos, e, neste sentido, afirma o semioticista, a memória é pancrônica. Mas não só: “conserva o pretérito como algo que está. Do ponto de vista da memória como mecanismo que

voltadas às transmissões culturais especialmente codificadas pela mídia. Discussão que escapa aos propósitos deste artigo.

⁶ *Idem.*

⁷ Jean-Pierre Changeux. *Raison et plaisir*. Paris: Odile Jacob, 1994.

⁸ Iuri Lotman e Bóris Uspenskii. *Sobre o Mecanismo Semiótico da Cultura*. In: *Ensaio de Semiótica Soviética*. Lisboa, Livros Horizontes, 1981.



trabalha com todo seu volume, o pretérito não passou”, salienta o autor.⁹

Busca-se compreender que a memória criadora no seu trabalho processual e comunicativo de agir sobre o tempo opõe-se ao tempo codificado de modo linear, cronológico. Os novos textos na semiosfera criam-se não só no presente da cultura, mas também no passado, que lá está posto. O tempo é pluricodificado.

⁹ Iuri Lotman. *La semiosfera I*. Madri: Ediciones Cátedra, op.cit., p. 159.



Comunicação: empiria semiótica e episteme comunicativa,
Lucrécia D'Alessio Ferrara, Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa,
Fábio Sadao Nakagawa, Helena Jacob, Tatiana Pontes, Eduardos
Ferandes Araújo, Adriana Vaz Ramos.

Grupo de Pesquisa: Espaço-Visualidade/Comunicação-Cultura
(ESPACC) – COS/PUCSP

Se enquanto lógica dos signos, a semiótica deve corresponder ao realismo evolutivo e normativo das representações que conectam o homem e o universo em única e exclusiva unidade, a comunicação se debate na ambiguidade distendida de modo agonístico entre meios técnicos e o cotidiano que desafia o comunicar. Nessa ambiguidade, propõe-se que a comunicação é ciência pragmática que colhe, nas sementes de distintas semióticas, o diagrama das suas indagações e sua decisiva definição epistemológica.

Entretanto, se essa direção teórica, epistemológica e empírica aproxima semiótica e comunicação, desenha também suas distâncias e diferenças cognitivas. Dispersa entre signo e representação, a semiótica pode ressurgir no comunicar ou se insurgir contra a espessura da comunicação contemporânea.

Considerando essas tensões, propõem-se o estudo e o debate entre:

- 1) A confluência signo e objeto que, de modo concomitante, alimenta edulci o conflito entre representação e referente que assinalou inúmeras teorias pós-modernas, confundindo-se, atualmente, com as características da comunicação que faz, dos meios técnicos, seu legítimo objeto de estudo. Nos dois casos, toma-se como únicos, problemas distintos.
- 2) Com o objetivo de estabelecer um domínio científico autônomo e identitário, ambas, a semiótica e a



comunicação, se encontram. Entretanto, se a semiótica se refugia nas certezas das rotinas discriminativas das configurações sígnicas sobre as quais não cabem dúvidas, a comunicação se debate nas indecisões providas pelo confronto entre meios técnicos transmissivos e diferenças que, como se novas fossem, se recriam em cada gesto comunicativo.

- 3) Porém e como consequência analítica dos itens anteriores, é possível pensar que, em sentido pragmático, a comunicação solicita à semiótica aderir às suas diferenças que as pode levar à construção empírica de uma epistemologia que se pode observar nas diferenças predicativas entre cognições, construções da cultura e explicações normativas do fazer ciência. Nas nomeações dessas diferenças, encontram-se relações entre comunicação e semiótica que, muitas vezes, se fazem invisíveis porque, reduzidas ao simples viés metodológico, impedem que se perceba que o método só tem sentido se orientado por uma matriz epistemológica, mais evolutiva do que identitária.

Como uma das decorrências dessa discussão, pela qual a semiótica adquire um viés mais epistemológico do que efetivamente metodológico e, tendo em vista sua interface com a comunicação, indaga-se ainda em que medida a semiótica pode contribuir para a construção de outra perspectiva de compreensão da política, tendo em vista que, pela nossa conjuntura, ela apenas se constrói por meio do comunicar. Nesse sentido, pelas relações acontecimentais que caracterizam o comunicar, o fazer político efetivamente ganha materialidade, ao passo que, pelo viés evolutivo que caracterizaria a matriz epistemológica relacionada à



semiótica, seria possível apreender os diferentes modos de irrupção da política na cultura.



Comunicação e cognição: aproximações entre máquina semiótica, inteligência artificial e semiótica peirceana, Luís Roberto Albano

Bueno da Silva, Maria Ogécia Drigo

Grupo de Pesquisa em Imagem Midiática - UNISO

A comunicação apresenta resultados de pesquisa que tem como tema a relação comunicação/cognição em aproximações entre o conceito de máquina semiótica, inteligência artificial e a semiótica peirceana, considerando-se que máquina semiótica é um dispositivo não necessariamente orgânico que realiza um processo cognitivo e também que a Inteligência Artificial propõe um meio sintético que simula um processo cognitivo de tomada de decisões independentes. Considerando-se que os processos cognitivos se dão não apenas como trocas e transformações de informações e dados, mas também de ações, reações e estímulos, bem como envolvem também a transmissão de influências de uma parte de um sistema vivo ou maquinal para uma outra parte, de modo a produzir mudança, a pesquisa é guiada pela seguinte questão: Que aspectos da cognição não são abarcados pelo conceito de máquina semiótica e pela inteligência artificial quando analisados à luz de conceitos advindos do pensamento peirceano? Assim, delinea-se o objetivo geral de compreender processos comunicacionais, na perspectiva cognitiva, bem como os seguintes objetivos específicos: explicitar concepções de cognição; identificar especificidades da cognição em máquina semiótica; identificar especificidades da cognição em Inteligência Artificial e avaliar as aproximações de tais conceitos à cognição, na perspectiva peirceana. Os fundamentos teóricos envolvem a arquitetura filosófica de Charles Sanders Peirce, estudos de Nöth (2001), Santaella (2001), Minsky (1986; 2006), Turing (1950) e Bittencourt (2006), entre outros. Para responder à



pergunta como estratégia metodológica adotamos a análise da concepção de cognição inerente ao conceito de máquina cognitiva e em Inteligência Artificial, comparando-os ao conceito advindo da arquitetura filosófica peirceana.

Nesta comunicação, priorizamos o conceito de máquina semiótica e a relação com cognição. De um lado, a importância desta pesquisa para a área de Comunicação e Informação está na possibilidade de redimensionar estudos de recepção ou de interpretação de processos e produtos midiáticos, em geral, lançando luz ao entendimento da cognição. De outro, os resultados da pesquisa podem ser relevantes para a educação, também por apresentar reflexões sobre a cognição.



Comunidade de inquirição: definindo o amor nas histórias da comunidade Nyah! Fanfiction, André Luis dos Santos, Maria Ogécia Drigo
Grupo de Pesquisa em Imagem Midiática – UNISO

A pesquisa tem como tema a internet e seus espaços de comunicação. Nesse contexto, a comunidade de escrita amadora *Nyah! Fanfiction* despertou nosso interesse pelo seu processo de criação de peças literárias inspiradas em obras midiáticas já existentes, onde seus membros utilizam livros, filmes, *games*, novelas, seriados e outros inúmeros produtos de mídia como ponto de partida para suas obras amadoras. Norteada pela questão *como as relações amorosas são construídas nas histórias românticas da comunidade Nyah! Fanfiction?*, a pesquisa tem por objetivo explicitar como o grupo constrói suas definições de amor e intimidade em rede. Com esse intuito, utilizamos os conceitos propostos por Charles S. Peirce de *comunidade de inquirição* e de *pragmatismo* para entender o funcionamento da comunidade, como ela constrói em rede crenças, valores e novo conhecimento; além das ideias propostas por Anthony Giddens sobre o amor, a intimidade e as relações modernas (principalmente os conceitos de *amor romântico*, *amourpassione amor puro*) para compreender os diferentes tipos de amor que podem ser retratados nas histórias.

Partindo da metodologia proposta por Laurence Bardin de análise de conteúdo, montamos um *corpus* contendo todas as histórias românticas divulgadas pelos membros da comunidade *Nyah! Fanfiction* em mensagens publicadas entre 01/01/2017 e 31/03/2017, e então escolhemos duas histórias escritas e publicadas dentro do período estabelecido, baseadas no recém-lançado filme *A Bela e a Fera*, dos estúdios Disney. As obras escolhidas são



respectivamente intituladas “*Lettre d’Amour*”, da usuária Kori Him3¹⁰; e “A Besta & a Plebeia”, da autora Antiga Romântica, e foram publicadas no depósito oficial de histórias do *Nyah! Fanfiction* com poucos dias de diferença. Ao analisarmos como ambas as autoras incorporam em suas histórias conceitos de amor romântico, *amourpassion* e o amor moderno, propostos por Giddens, podemos utilizar as ideias de Peirce sobre *comunidade de inquirição* para compararmos as abordagens do amor presentes nas obras e assim verificar como a comunidade constrói suas crenças e valores.

Entender como as comunidades digitais podem construir conhecimento de forma orgânica e desconcentrada e evidenciar o potencial comunicacional presente nas obras desses grupos amadores, bem como verificar como uma *comunidade de inquirição* funciona na Internet constituem a relevância desta pesquisa.

¹⁰ Para proteger a identidade dos membros da comunidade, todos os nomes foram substituídos por seus respectivos pseudônimos publicados no site.



O corpo nômade como território: imagens do refúgio, Monica Toledo Silva – UNIP

Esta comunicação propõe a composição de visualidades para personagens em seus lugares de passagem - abrigos provisórios, não-lugares, entre-lugares – assim como elaborar visibilidades para seus processos discursivos, já contaminados e mestiços desde seus percursos próprios, sempre afetados pelo meio e pelo outro. Dessa maneira, o texto busca formas para conteúdos do corpo, estéticas para narrativas possíveis, que desaguam pra fora de espaços delimitados e tempos determinados, em mapeamentos provisórios em territórios configurados dinamicamente por estados de presença. A estética do provisório/ transitório invade a captação de audios e contempla a noção de ficção, em histórias, cantos e contos. O que seria real em um conjunto de veridades simultâneas e heterogêneas, de sensações genuínas sem nexos e estados de presença que alternam ausências e intensidades? A montagem sonora pode privilegiar este estado de suspensão, considerando-se que relatos são também difusos e narrados em línguas diversas, pátrias, em paisagens sonoras sincronizadas mais com as memórias que com as imagens produzidas, vindo de outros lugares e afetos. O filósofo japonês Kuniichi Uno sugere que a realidade, em seu entendimento dada através do corpo, rompe com a significação. O que contaria, assim, é "o que se passa nas imagens, o próprio tempo que passa entre os movimentos." Aspectos do corpo revelam, nesse sentido, figuras singulares do tempo. O corpo pode estar presente e ausente, e fora da linha contínua do tempo - é um outro tempo, "que surge na ferida dessa linha rompida." (UNO, 2014:34) Compreender o espaço da fronteira como de co-existência e criação de novos significados é perceber estes lugares de passagem, onde identidade e território se diluem em novos meios de



(re)configurarmos nossos mapas e nossas próprias histórias. Nosso destino é o trajeto; o meio torna-se o lugar. Para este corpo em situação proponho uma montagem em pensamento, que revele estados vivos numa obra do corpo em crise, de imagens como intensidades em atos performativos. A narrativa do corpo é performance em qualquer mídia: é sempre circunstancial e contextualizada. Giorgio Agamben (*Meios sem fim*, 1996), Georges Didi-Huberman (*A sobrevivência dos vagalumes*, 2009), Mauro Maldonato (*A subversão do ser*, 2014), Marisa Flório ao discorrer sobre as noções de "nós e o outro" na formulação de obras contemporâneas, Jussara Sobreira (a noção de performatividade) e Christine Greiner em suas abordagens das diásporas cognitivas no corpo japonês, e Milton Santos em suas "natureza do espaço" como também configurada a partir do tempo e da emoção. Minha própria pesquisa acerca dos cinemas do corpo, formulados desde nossas imagens e ações, e a exploração da fenomenologia de Merleau-Ponty contribuem para o desenvolvimento da proposta deste texto que pretende abordar o audiovisual como forma (estética e epistemológica) e o deslocamento como meio (individual e estratégico). Partindo da condição atual das muitas centenas de milhares de refugiados que nos últimos anos mudam incessantemente os cenários gregos e italianos com seus coletes salva vidas, botes e derivas, este texto é parte de minha atual pesquisa sobre este fenômeno que ultrapassa o pertencimento e a identidade e invade (e afoga) tantas dicotomias já desde antes datadas - corpo e cultura, cultura e natureza, natureza e espaço - convidando-nos a explorar estes a cada tempo novos nomadismos (porque também são nossos) e territórios (sendo ao mesmo tempo visíveis e invisíveis). Pensar hoje nas imbricações semióticas e nos alcances de Lotman, Jakobson, e mais tarde de Saussure e escolas derivadas da semiótica da cultura desde sua origem russa na linguística sempre contaminada pelas artes, é



mesmo tempo estar no mundo, sensível a ele, atento aos desdobramentos e convergências das linguagens da arte que sistematicamente criam representações (apresentações) do corpo móvel e afetado por seu entorno - que também é feito por ele. Assim, entre botes e derivas, desvios sígnicos e potências significantes, (re)encontramos essa semiótica desde sempre híbrida e propomo-nos a investigá-la desde nossos estados afetados, discursos de troca e subjetividades. O artigo aborda a transitoriedade de conceitos epistemológicos e propõe outros entendimentos para práticas do corpo nos contextos do nomadismo de linguagens estéticas aderentes ao nomadismo de migrantes em terras estrangeiras, em estados que são atualizados no corpo (do migrante, do artista) a cada tempo e lugar em vivências simultâneas nas quais convergem suas próprias histórias e memórias. Estas vivências ganham visibilidades singulares na criação de realidades sobrepostas, e viabilizam a criação de imagens também nômades como forma de registros de deslocamento.



Corporalidades: linguagem, gênero, perspectivas epistemológicas e espacialidades, Nísia Martins do Rosário, Demétrio Pereira, Mariana Somariva, Ricardo Machado
Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação - UFRGS

Corporalidades, a princípio, configuram um domínio teórico-metodológico que permite fazer avançar as reflexões acerca das virtualidades e das atualizações (BERGSON, 1999) dos corpos; constituem-se numa dimensão em que se pode desenvolver abordagens teóricas sobre o corpo e propor estudos empíricos sobre ele. Pela perspectiva desse estudo constitui-se num ambiente propício ao alargamento das problematizações e das perspectivas investigativas que dizem respeito ao corpo na comunicação, encontrando respaldo para estabelecer seus princípios e incrementar suas aplicações, entender seu funcionamento.

Entender o conceito de corporalidades, conforme tratado nesse grupo, requer alguns posicionamentos sobre a noção de corpo. À primeira vista, tal conceito pode apresentar uma série de limitações pelo fato de se considerar apenas a materialidade física e até mesmo aparente. Assim, o corpo seria entendido apenas como objeto mediador. Por esse ponto de vista, que também é o da articulação dual, ele operaria apenas como um mediador da mente ou da alma para com o mundo. Contudo, entendemos que ele se constitui em pluriarticulações de códigos, linguagens e sistemas que estão inseridos no âmbito da cultura e que extrapolam as materialidades físicas.

Essa percepção mais abrangente acerca do corpo permite conceber as corporalidades como engendradoras de uma dimensão complexa, que alimenta e é alimentada por diferentes áreas de conhecimento e disciplinas, constituindo inter-relações constantes



de tensão e distensão. Na perspectiva da comunicação, entretanto, as corporalidades se realizam na dimensão das linguagens podendo ser entendidas como constituidoras das mídias primárias (Prost) e, nesse estudo, se articulam com a Semiótica da Cultura (SC). Nessa via, temos a proposta de refletir acerca das configurações assumidas pelas corporalidades nas complexas correlações que se estabelecem entre as semioses e os âmbitos comunicacional e cultural.

Entendemos que no domínio das corporalidades manifestam-se sistemas semióticos diversos que se organizam de acordo com os contextos culturais em que estão inseridos. As manifestações, expressões e comunicação desenvolvida estão, portanto, em correlação direta com o funcionamento desses sistemas, suas dinâmicas e sua complexidade. Para estudar as semioses geradas nessa dimensão é preciso atentar, por um lado, para as multiplicidades de composições expressivas que estão em potência e, ao mesmo tempo, em processo de transformação. Por outro lado, é preciso ter cuidado com as especificidades, normas e regularidades das linguagens, uma vez que são elas que garantem a comunicação.

Nesse âmbito, compreendemos o corpo enquanto dispositivo gerador de significados múltiplos em cuja superfície atravessam incontáveis aspectos, dentre os quais destacam-se problemáticas de gênero, de identidade e de subjetivação. A matriz cultural hegemônica constrói contornos corporais estáveis, em que se manifestam características binárias e compulsórias de sexo, gênero e desejo. O corpo é conformado hegemonicamente como sendo dotado de impermeabilidade, jamais devendo ultrapassar os limites das fronteiras socialmente impostas. No lado oposto, os corpos permeáveis – corporalidades *queer* ou não-binárias, por exemplo, por não seguirem a relação causal entre



sexo/gênero/desejo – representam uma ameaça à ordem dominante.

Preocupado com a atualização dos modos de governança sobre os corpos, o grupo também dialoga com o campo das espacialidades, compreendendo que hoje os espaços de disciplinamento e confinamento dos corpos (dos quais Foucault derivou o Panóptico como diagrama) convivem com zonas infinitamente “abertas”, em que todo movimento automaticamente sofre captura internalizante, a exemplo do que ocorre na arquitetura espacial algorítmica do Facebook. Trata-se de estudar os espaços de imersão, seja nos óculos de realidade virtual ou no cálculo de ressonância sígnica das chamadas “bolhas” algorítmicas, que se servem das linhas de fuga para produzir um novo centro estável, dando a ver as especificidades da operação do poder nas sociedades de controle contemporâneas.

As Corporalidades encontram eco também no estudo de uma semiótica de viés multinaturalista, propondo-se a investigar a possibilidade de se construir e constituir metodológica e epistemologicamente um tipo de semiótica de matriz ameríndia. O ponto de partida é o campo da *Semiótica da Cultura*, desde Iuri Lotman, fazendo-se os tensionamentos e os relacionamentos teóricos e metodológicos com o conceito de *Antropofagia*, de Oswald de Andrade, e do *Perspectivismo*, de Viveiros de Castro. Deste modo, partindo do pressuposto que só se pode experimentar outros mundos sensíveis (outras semioses) a partir de outros corpos (no sentido político do termo o corpo mulher, o corpo indígena, o corpo refugiado, etc), a *antropofagia* torna-se um modo de tomada do lugar do *outro*.



Criação ou modificação em design: contribuições de Charles Sanders Peirce para o entendimento do engendramento em design, Romilson Marco dos Santos Centro Universitário Sul de Minas

A fim de melhor compreender o contexto do trabalho, gostaríamos de esclarecer que a primeira parte desta pesquisa foi publicada na Revista PÓS – FAU/USP V. 24/ 20171 . Por meio de cuja avaliamos os considerados processos de criação praticados em design. É bom que se note, antes de mais nada, que a leitura feita pela pesquisa, como um todo, tem como base teórica os estudos de Charles Sanders Peirce (1839-1914), entre outros estudiosos da semiótica peirceana. Ora, admitiremos, de imediato que no âmbito do design existe um equívoco na diferenciação do que é criação, do que é apenas modificação. Sendo assim, este trabalho visa a inferir que criação se estabelece como algo do perímetro das categorias fenomenológicas de primeiridade e secundidade, além dos signos icônicos e indiciais. É legítimo supor que, de uma maneira geral, entender o engendramento em design como algo distante à atmosfera do ícone e da primeiridade, e do índice e da secundidade, obriga-nos a deslocar o que se entende por criação em design para modificação em design. É preciso notar, sobretudo, que diante dessa objetivação surge a seguinte hipótese: consideramos que - ao relacionarmos o conceito de criação com o conceito de realidade de Charles Sanders Peirce, verifica-se, assim, a impossibilidade de exercermos efetivamente a criação. Desse modo, há de se reconhecer, não obstante, que o que ocorre não é um processo de criação em design, mas, sobretudo, uma doutrina de descoberta. Na sequência, vamos elucidar que descoberta é uma doutrina de primeiridade e secundidade, além de signos icônicos e indiciais.



Desse modo, tal posicionamento distancia o design dos signos simbólicos, e, portanto, de um design desbaratado. Trata-se, sobretudo, de reposicionar o design em uma atmosfera que contribua para existência de uma sociedade menos perversa e 1 SANTOS, Romilson Marco. Dúvida: uma doutrina de descoberta em design.. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, São Paulo, v. 24, n. 42, p. 88-101, apr. 2017. ISSN 2317-2762. Disponível em: . Acesso em: 18 may 2017. dispendiosa. Por certo, sendo a criação algo como dar existência a; dar princípio a; consideramos que tal fato está diretamente relacionado à composição e estruturação de uma realidade. Parece supor que devemos pensar nos equívocos dos profissionais que se vangloriam de suas criações, quando, efetivamente, apenas produziram modificações. Note-se que tal termo - modificação - se estabelece como mais apropriado diante da força da experiência e da alteridade manifestadas no conceito de realidade engendrado por Peirce, além da produção em série de um design provisório. Contudo, é fato notório que a conjugação do verbo criar estabelece um caráter de onipotência. Segundo FERREIRA (2009) afirma, dentre as várias definições de criação, é o: “ato ou efeito de criar”; sendo que criar é: “dar existência a, dar princípio a”. (p.573-574). Parece necessário, portanto, admitir, também, a atmosfera de controle social, a qual leva o “criador” ao patamar de eminência em determinada área. É assim, aliás, que este “criar” permite “criar” qualquer coisa sob a proteção daquela eminência adquirida. À medida que tal distinção ganha o caráter de designer famoso, menos se estabelece o ato do questionamento do que se faz em design. Não obstante, uma doutrina de descoberta evidencia a realidade ocultada pelas produções simbólicas fixadas no decorrer da vida. De fato, a função do designer que efetivamente cria, ou melhor, descobre consiste em trazer à luz algo não existente.



Todavia, as produções simbólicas promovem uma opacidade perceptiva, na qual a única capacidade evidente é a de modificação. Cabe ao designer descobrir como deve ser o mundo para rescindir esse mundo simbólico no qual vivemos. Com efeito, passa-se a expurgar o design simbólico, cujo objetivo se sustenta apenas para uma sociedade de consumo; para um design, no qual o engendramento tenha uma existência na realidade e não sucumba à alteridade dessa mesma realidade.



Da semiose mediatizada: em busca do dispositivo de enunciação,
Giovandro Marcus Ferreira, Claudiane de Oliveira Carvalho Sampaio,
Ivanise Hilbig de Andrade, Lidiane Santos de Lima Pinheiro
Centro de Estudos e Pesquisas do Discurso Mediático (CEPAD) -
UFBA

O objetivo da apresentação dos membros do CEPAD – Centro de Estudos e Pesquisa do Discurso Mediático, nesta III Jornada de Grupos de Pesquisa em Semiótica, será em torno do dispositivo de enunciação a partir das contribuições da Teoria das Operações Enunciativas de Antoine Culioli. Todos os avanços acerca da noção de discurso e os vários momentos da análise sociodiscursiva devem ser acompanhados por uma mudança também na noção de enunciação, em especial no estudo do discurso mediático. Uma página de um jornal ou um site na internet são objetos complexos para a análise de seus discursos. Eles contêm um discurso a partir de texto, imagens fixas e em movimento (no caso do site), diagramação etc. Diante da complexidade desses e de outros produtos e linguagens mediáticos, torna-se necessário almejar procedimentos metodológicos que sejam capazes de apreender o funcionamento de tamanha heterogeneidade e, ao mesmo tempo, é preciso, igualmente se chegar a um efeito unitário. Busca-se, então, abordagens acerca da teoria da enunciação que possam ajudar na compreensão destas diversas matérias significantes que compõem o discurso mediáticos, como à formulada por Antoine Culioli que tem se demonstrado fecunda na perspectiva de análise dos discursos sociais (notadamente dos meios de comunicação) pelas seguintes razões: A) Ela se fixa no cognitivo dos procedimentos linguísticos formalizados de maneira não sequencial; B) Ela tem um movimento “abstratizante” que



corresponde às necessidades que tocam ao funcionamento mesmo do languageiro. (VERÓN e FISHER, 1986) A teoria da enunciação de Culioli para bem apreender a dinâmica do discurso pelo viés “abstratizante” centra toda a problemática sobre a atividade modalizante de um sujeito enunciador. Antoine Culioli observa dois momentos na realização desta análise: (1) a conjugação das modalidades enunciativas e (2) a construção das representações – “substitutos desgarrados da realidade”. As modalidades enunciativas são focadas sobre o conteúdo do enunciado. Elas indicam diferentes julgamentos sobre o enunciado e colocam em evidência a intervenção da relação intersubjetiva num discurso, pois o sujeito não é “real”, mas teórico, um modelo metalinguístico que permite um inventário dos funcionamentos cognitivos. Segundo Verón e Fischer, a abordagem proposta por Antoine Culioli tem uma dupla vantagem: ela coloca em evidência uma problemática a partir das relações intersubjetivas e ela faz apelo, ao mesmo tempo, a instrumentos mais abstratos tendo em vista a explicação de operações cognitivo-linguageiras. Toda esta démarche possibilita analisar os discursos sociais que não são unicamente languageiros, como é o caso da imprensa, televisão etc. Um paralelo pode, então, ser feito entre as características das injunções analisadas por Culioli e o discurso mediático: todos se caracterizam por uma produção que se endereça a alguém que poderia se encontrar em situação de recepção. Esse alguém é longe de ser anônimo quando se constrói um co-enunciador bem determinado. Para esta construção, o co-enunciador será o sujeito que assumirá as operações complexas e a quem se emprestará intenções, necessidades, interesses e uma identidade bem precisa. Esta busca por novos caminhos acerca dos estudos da enunciação surge a partir da necessidade de se construir um conceito mais eficaz e abstrato, em contrapartida menos conteduístico, do dispositivo de enunciação para as análises dos



discursos mediáticos. De um lado, pela importância e centralidade de tal conceito no domínio discursivo e, de outro, pela complexidade das matérias significantes dos discursos mediáticos, tentando assim não mutilar as interpretações de corpus analisados que são bem mais complexos do que aqueles utilizados no domínio da linguística, que ajudaram a edificar o conceito de enunciação pelas marcas oferecidas pelos enunciados, na relação língua e linguagem. Assim, olhar para o discurso mediático pela perspectiva da Análise de Discursos e das Teorias da Enunciação torna possível três avanços: 1) a definição de novos parâmetros de análise; 2) o estabelecimento de novas relações (entre diferentes matérias significantes que compõem o produto mediático); e, sobretudo, 3) a articulação das mensagens analisadas com o ambiente sociocultural, isto é, com as condições de produção do discurso. Desse modo, a análise caminha em direção a um estudo sobre modos de enunciação, distanciando-se do “o que é dito?” – que marcou muitos estudos semânticos e pragmáticos, especialmente no domínio dos estudos comunicacionais pela influente análise de conteúdo – para o “como é dito”. A fim de entender, portanto, o modo como os media criam e articulam estratégias enunciativas para construir acontecimentos e produzir sentido.



A equivalência entre pensamento e signo no artigo *Questões concernentes a certas faculdades reivindicadas para o homem*,

Tarcísio Cardoso, Gustavo Rick Amaral

Grupo de Pesquisa TransObjeto – COS-PUCSP

Em 1868, Charles Sanders Peirce publica o artigo *Questões concernentes a certas faculdades reivindicadas para o homem* (CP 5.213-263). Neste primeiro dos três artigos da chamada série cognitiva, Peirce confronta alguns princípios da filosofia cartesiana e prepara terreno para o desenvolvimento da semiótica. Ali, Peirce coloca em suspensão algumas faculdades reivindicadas (por Descartes) para todo homem, na forma de 7 (sete) questões sobre tais faculdades, a saber: (1) se temos poder de distinguir uma intuição e uma cognição derivada; (2) se temos uma autoconsciência intuitiva; (3) se podemos distinguir intuitivamente elementos subjetivos de um tipo de cognição; (4) se temos poder de introspecção; (5) se podemos pensar sem signos; (6) se pode existir um signo do absolutamente incognoscível; (7) e se há uma cognição primeira.

O presente trabalho vai se concentrar na quinta questão do referido artigo, no intuito de fazer uma reflexão da tese peirceana segundo a qual todo pensamento ocorre em signos. Além disso, esta questão também introduz a ideia de cadeia de signos, que se aproxima muito com o que futuramente Peirce vai chamar de semiose. Uma vez que a semiótica é o campo de investigações e estudos do universo dos signos, grande parte dos problemas relativos ao ensino e à pesquisa de semiótica se refere justamente à compreensão da ideia de signo como elemento mínimo de um processo maior, a semiose. Acredita-se que resgatar o texto do próprio autor em uma análise atenta para as nuances de sua



argumentação no que diz respeito à equação “pensamento = signo” pode trazer o benefício de auxiliar o entendimento do fundamento da teoria semiótica em Peirce, ainda embrionária nesta fase da sua obra. O esforço de acompanhar o argumento peirceano na sua quinta questão do artigo “Questões...” se justifica, portanto, como uma válida tentativa de aclarar os princípios básicos da semiótica peirceana.

A quinta questão que Peirce desenvolve no “Questões...” pode ser considerada a questão central do argumento peirceano naquele artigo e marca a posição assumida por sua epistemologia, toda ela alicerçada na equação entre pensamento e signo. Apesar de não apresentar uma definição precisa de signo neste artigo, Peirce entende por signo qualquer coisa que de um lado é determinado (por um objeto) e de outro é determinante (de um interpretante) (CP 8.343). Signo, nesta definição é um elemento mediador de um processo de determinações. Por sua vez, o pensamento ou a cognição, na visão de Peirce, age como um mecanismo de “remetimento”, necessita de outra cognição para operar e nunca acontece em um instante, mas em um intervalo temporal.

Para elaborar melhor a questão se podemos pensar sem signos, Peirce deixa claro, já no início do texto que estamos diante de um problema com apenas duas possibilidades: ou o pensamento viria antes dos signos (e, então, seria possível pensar sem signos), ou o pensamento necessita dos signos para operar. A resposta do autor se alinha com esta segunda opção, já que se seguimos o caminho aberto pelas questões anteriores (a respeito da importância dos fatos externos para a cognição) a única opção coerente é que não se pode pensar sem signos. Conforme visto na



quarta questão (“se temos poder de introspecção”), todas as cognições só são conhecidas na relação que guardam com outras cognições. Ou, nas palavras do próprio Peirce, “o único pensamento possivelmente conhecível é o pensamento em signos” (CP 5.251). Além disso, acrescenta Peirce, um pensamento que não pode ser conhecido não existe – posto que pensamento é cognição, e portanto é cognoscível (os motivos pelos quais isto deve ser assim são apresentados na sexta questão, a respeito da impossibilidade de um signo do absolutamente incognoscível). Uma vez que o pensamento que não pode ser conhecido não existe, todo pensamento deve estar nos signos (ibid.).

Ao final da sua linha argumentativa, Peirce ainda afirma que dizer que “todo pensamento é signo” (CP 5.253) é o mesmo que dizer que todo pensamento se dirige a outro, e que no presente imediato (na intuição) não há pensamento, ou que “o pensamento não pode acontecer num instante” (ibid.). Com isto, fica clara a relação entre pensamento e signo, uma relação que se constitui como o fundamento da semiótica peirceana. Como a teoria peirceana da cognição descreve qualquer tipo de conhecimento como resultante de algum processo inferencial que parte de algo externo, esta teoria estabelece que todo conhecimento depende de signos. O presente trabalho pretende dissecar o argumento da quinta questão que desemboca nesta tese-base, bem como pontuar algumas consequências do estabelecimento desta tese dentro do projeto filosófico de Peirce.



A escolarização dos intertextos por meio da tradução intersemiótica, Andrew Marinho Universidade Estadual de Maringá

Neste trabalho apresentamos a tradução intersemiótica, em especial das semioses que possuem substratos verbais, como uma forma de trabalhar as diversas linguagens em sala de aula. Baseado nas obras de Hutcheon (2011) e Rajewsky (2012) observamos alguns exemplos de abordagem de tradução intersemiótica e o fazemos dialogar com as teorias dos multiletramentos. Assim, tentamos defender a importância da tradução intersemiótica como uma forma de transitar diferentes semioses para além do signo verbal, além de indicar quais seriam as implicações para o ensino de linguagens.

Introdução

Este trabalho parte do pressuposto, sob um olhar mcluhaniano, que a presença de múltiplas linguagens nas sociedades contemporâneas implica em mudanças e novas demandas para o ensino de linguagens, ainda arraigadas em um logocentrismo do signo verbal. Assim sendo, há uma necessidade de se investir, no campo de formação de leitores, em uma Pedagogia dos multiletramentos como defendida por Kalantzis & Cope (2000). Para esses pesquisadores, letrar iria além do ensino de leitura e escrita verbal, e incluiria a aprendizagem de novos meios de comunicação, sejam elas: visual, oral, gestual etc.

Nesse sentido, pensamos em um deslocamento da centralidade do ensino do literário, posicionando esse ao lado das outras linguagens e semioses. Uma realidade que é referendada pelos próprios documentos oficiais brasileiros, os PCNs e PNLD já



trazem uma abertura para novos gêneros, inclusive híbridos, e outras semioses. Recentemente o documento orientador do ensino médio (OCEM) também é enfático sobre isso: “Vivemos em um mundo culturalmente organizado por múltiplos sistemas semióticos – linguagem verbal e não-verbal” (BRASIL, 2006, p.25).

Assim sendo, propomos a prática de tradução intersemiótica de objetos verbais para outras semioses, em especial o cinema e a canção, como forma de iniciar o aluno no manejo entre as diversas semioses, tendo em vista que, a nosso ver, o seu ensino propiciaria o reconhecimento das especificidades estruturais de cada linguagem e de suas hibridizações, bem como proporia a capacidade de apreensão crítica dos aprendizes a essas novas linguagens.

Contudo, existem poucos trabalhos que versam a respeito da aplicação da tradução semiótica como forma de contribuir para aprendizagem das múltiplas linguagens e de suas hibridizações. Assim sendo, trata-se desta questão que buscamos investigar e propor alguns caminhos para sua aplicação em sala de aula.

Objetivo

O trabalho possui o objetivo de discutir as contribuições que a tradução intersemiótica de/para signos verbais pode trazer para o ensino de linguagens. Busca também Defender a transversalidade metodológica que pode ser aplicada em semioses diversas, englobaria uma pedagogia dos multiletramentos que consideraria as diversas linguagens.

Metodologia

O nosso trabalho se valeu de um levantamento bibliográfico a respeito dos trabalhos que versam sobre tradução intersemiótica



e ensino, além de teóricos dos estudos intermídia e interartes que discutem as manifestações literárias e outros sistemas semióticos.

Resultados e discussão:

No trabalho discutimos a proposta de Hutcheon (2011) a respeito dos três modos de engajamento da adaptação (contar, mostrar e interagir), mostrando como pode-se passar do signo verbal para o signo visual e para outras formas de interação semiótica. Além disso, buscamos apresentar exemplos de manifestações artísticas sob a proposta de Rajewsky (2012), que aponta três subcategorias de intermedialidade: 1) Transposição intermediária (adaptações cinematográficas e romantizações: adaptação de filme para romance); 2) combinação de mídias (opera, filme, teatro, quadrinhos, mixmídias); 3) Referências intermídiaicas (por meio de écfrases, musicalizações de literatura, evocação ou imitação de técnicas de cinema como, por exemplo, tomadas de zoom, dissolvência, fades, montagem). Por fim, propomos, baseados nas ideias de multiletramento de Cope e Kalantzis (2000) e Rojo & Moura (2012), como essas características podem ser apresentadas, discutidas e mediadas para o ensino de linguagens que não leve em conta apenas o signo verbal, mas outras semióticas, mídias, suportes tanto no plano da expressão como no plano do conteúdo.

Conclusões

Por meio do estudo da tradição semiótica podemos observar algumas características que podem ser apreendidas em um trabalho



de sala de aula de literatura que queira convergir com outras semioses. Apontamos algumas noções básicas para sua efetuação: a) uma noção de texto ampla e de diversidade de linguagens e em diálogo (intertextos); b) uma noção de ensino que contemple não apenas o plano de conteúdo, mas também o plano de expressão e, nesse sentido, que é preciso fomentar a formação/capacitação dos professores de letras para o trabalho com conteúdo, linguagem e técnica audiovisuais e não apenas verbais. Nesse sentido defendemos tradução intersemiótica como forma de ampliar a percepção dos aprendizes para as sutilezas das materialidades das linguagens e de seus efeitos de sentido.



Greimas e o componente gerativo audiovisual do cinema, Ivan

Capeller

Grupo de Pesquisa Perfil-i - UFRJ

Como um dispositivo audiovisual gera sentido(s) a partir das complexas articulações técnicas e estéticas que é capaz de estabelecer entre as imagens, os sons e o discurso (oral ou escrito)? Em que consiste o componente gerativo do sentido de um filme, por exemplo, e como descrevê-lo em termos semióticos?

O componente gerativo audiovisual do cinema não pode ser considerado como a simples oposição binária, convergente ou divergente, das imagens aos sons ou de uma seqüência visual a uma trilha sonora. Trata-se de uma relação duplamente articulada que engaja tanto o campo do visível quanto o campo do audível na disjunção entre um plano de conteúdo e um plano de expressão (ouvir/escutar, ver/olhar).

O modo como estes dois planos são articulados, porém, é que é fundamental, pois não se pode simplesmente atribuir a função expressiva a um campo (digamos, o da imagem) e o papel de conteúdo a outro. A dicotomia entre o plano de conteúdo e o plano de expressão, assim como a disjunção entre o signo e seu objeto ou o significado e o referente, atravessa tanto o campo do visível como o campo do audível. Na medida em que ambos pressupõem, por inversão, a invisibilidade do olhar e a opacidade do som como o avesso do(s) seu(s) sentido(s), pode-se conceber o componente gerativo audiovisual do cinema como um quadrado semiótico de Greimas, em que o plano ou eixo do conteúdo (audiovisual) se constitui pela articulação do par sêmico escuta-olhar, enquanto o plano ou eixo da expressão (material) se articula através do par sêmico imagens-som.



Sendo a imagem o campo de significação do visível, o olhar como objeto situa-se precisamente no seu avesso, como sua condição de (in)visibilidade. Também o som, percebido como objeto, situa-se no avesso da escuta entendida como escuta semântica, isto é, escuta daquilo que, no campo do audível, se presta à significação. Em um filme, as imagens e os sons são registrados, seqüenciados e processados separadamente até o momento de sua projeção. Porém, seu conteúdo audiovisual aparece como um campo unificado de visibilidades e sonoridades para o ouvinte/espectador, que, idealmente falando, não deve perceber tem existência real.

Objeto-som e olhar-objeto são as resultantes da redução, no sentido fenomenológico do termo, do componente gerativo do cinema à sua dupla articulação audiovisual. O olhar, considerado como objeto, é o avesso da imagem entendida como signo, assim como a percepção do som como objeto é o avesso da escuta entendida como a compreensão do sentido das palavras. Uma mesma relação disjuntiva ao signo articula, portanto, o olhar à escuta, através do ver e do ouvir.

Esta relação disjuntiva pode ser chamada de princípio do assincronismo, pois consagra a disjunção isomórfica do plano de expressão ao plano de conteúdo (imagem/olhar:escuta/som), em vez da mera correspondência entre sincronismo labial e sincrese audiovisual, pressuposta geralmente no princípio de sincronismo. Enquanto este último é um princípio meramente mecânico de determinação causal da sincrese pelo sincronismo (ou, pelo menos, de uma correspondência convencional, mesmo que por contraste ou contraponto, entre os dois termos), o princípio do assincronismo é maquínico, já que articula, em dois planos de consistência simultâneos, porém distintos, o sincronismo técnico e a sincrese estética. É o princípio de assincronismo que trilha as linhas de



sutura ou cesura, de solda ou de fratura que percorrem as diversas camadas de imagem e som de que se compõe o filme, de modo a conjugá-las e/ou disjuntá-las, de acordo com a necessidade e/ou contingência.

O princípio do assincronismo é um princípio genético de composição do filme (seu componente gerativo) que permite pensar a correlação entre dois processos assimétricos - a dupla articulação de um plano material de conteúdo a um plano audiovisual de expressão. Não se trata apenas do princípio técnico de sincronização dos sons às imagens, tampouco da sincrese como princípio estético de composição audiovisual, mas de ambos em sua correlação disjunta, e da indecidibilidade estrutural que extrai, da imperceptível diferença geradora de semelhanças, o simulacro entendido como intervalo ou oscilação entre o objeto e seu duplo.



Fisiognomonía e astrologia: semioses da imagem humana, Leandro Anderson de Loiola Nunes, Irene Machado
Grupo de Pesquisa Semiótica da Comunicação – USP

Tratar a investigação semiótica nas diversas áreas de sua atuação parece ser reflexo da tentativa do homem em descrever, entender e gerar significação a partir de experiências resultantes da interação humana em ambiente terrestre, especialmente se assumirmos a Semiótica como uma ciência cosmocêntrica. Neste trabalho, nosso objetivo é apresentar umas dessas experiências que está diretamente relacionada ao que optamos chamar de manipulação da imagem humana para a geração de semiose, na produção de textos de cultura. Entendemos que abordar a imagem humana não é tarefa das mais simples, especialmente a partir de nossa conceituação de imagem como sendo um processo semiótico para geração de percepção humana a partir de intencionalidade; pela diagramação de informações disponíveis no ambiente ecológico terrestre. Uma vez que esse emprego da concepção de imagem encontra aplicação em muitos produtos culturais nos meios audiovisuais, e outros, cujas premissas abrangem várias manifestações da interação humana, optamos por delimitar nossa análise, neste trabalho, às relações semióticas resultantes desse conceito de imagem, cristalizadas em dois textos de cultura, denominados: Fisiognomonía e Astrologia. Por meio dessas duas vertentes culturais será possível exemplificar aquilo que, neste trabalho, denominamos de imagem humana em textos de cultura. Primeiramente, optamos por tratar do texto cultural do século XVI, conhecido como Fisiognomonía. Essa pseudociência procurou estabelecer parâmetros para explicar a percepção humana, baseando-se em supostos modelos do caráter humano que, por sua vez, eram construídos a partir de aspectos psíquicos de um



indivíduo e de sua morfologia corporal. A Fisiognomonía traçava as personalidades humanas correlacionando-as com sete tipologias morfológico-astrais. Essas sete tipologias eram associações entre supostas características dos sete planetas e astros celestes até então conhecidos na época: o Sol, a Lua, Mercúrio, Vênus, a Terra, Marte e Saturno. Pensava-se que esses astros celestes estavam em correspondência direta com os principais tipos biopsíquicos e fisiológicos humanos; por meios dos quais o homem os expressaria naquilo que ficou conhecido como a Teoria dos Temperamentos. Logo, as diferenças entre o comportamento dos homens seria um resultado da manifestação do cosmo, por meio da influência desses astros, sobre o sistema psicofisiológico humano, gerando quatro tipos de caráter: o sanguíneo, o colérico, o melancólico e o fleumático. Além de propor leituras individuais humanas baseadas na relação entre astros celestes e características fisiológicas, a Fisiognomonía também baseava-se em possíveis correlações entre a aparência física de um indivíduo, sua morfologia corporal, e à aparência de certos animais. Logo, os aspectos fisiológicos de animais poderiam remeter à semelhantes características quando comparadas às dos humanos. A origem dessa prática parece ter sido o uso de Espelhos Mágicos, que consistia na arte de manipular a imagem humana gerada pelos reflexos produzidos por diferentes formatos de espelhos: côncavos, planos, multifacetados etc.; e por meio da incidência e manipulação da luz solar ou artificial sobre eles, gerando ilusões ópticas. A Fisiognomonía era resultado direto da arte de manipular imagens humanas, tanto pelo uso de espelhos quanto pela associação a imagens de animais, a fim de se criar relações de sentido que pudessem explicar a natureza humana e sua atuação em ambiente terrestre. Além de propor relações de aspectos psíquicos a partir da associação entre os astros celestes e animais, a Fisiognomonía também estabelecia significados às



funções dos órgãos internos do corpo humano em relação com a fisiologia externa do corpo. Importante ressaltar que essas associações seriam, mais tarde, usadas como referência por renomadas escolas do design moderno que, ao promover seu estudo e aplicação, 2 propunham sempre uma justificativa para determinado design de um objeto a partir da relação entre sua forma versus sua função. Em se tratando do corpo e imagem humana, até os nossos dias, essa mesma máxima é empregada em outro produto de cultura conhecido como Visagismo. O outro texto de cultura escolhido para esta análise trata da controversa pseudociência conhecida como Astrologia. Essa área da cultura pretende explicar e justificar as características humanas: psicológicas, físicas e comportamentais, a partir de gráficos gerados pelas informações específicas acerca da data, hora e local de nascimento de um indivíduo, tendo por base a geoespacialidade terrestre em sua relação com os demais astros do sistema solar. Leva-se em consideração a posição dos planetas e astros dentro de uma faixa celeste imaginária que abriga suas órbitas, marcando suas posições a partir da terra, conhecida como Zodíaco. Pensa-se que a projeção dessas posições dos planetas em um dado dia, hora e local específicos, em sua relação com o orbe terrestre no momento do nascimento do indivíduo, definiria grande parte de suas características biofísicas e psíquicas. Ressaltamos que esses textos de cultura, Fisiognomonía e Astrologia, dialogam entre si no que se refere às tentativas de justificar e significar a experiência humana em ambiente terrestre; e sua análise tem como objetivo promover a reflexão acerca da diagramação da percepção humana a partir de processos semióticos.



Imagem em movimento: ideias deleuzeanas e peirceanas num mesmo fluxo, Maria Ogécia Drigo

Grupo de Pesquisa em Imagem Midiática - UNISO

Esta pesquisa tem como contexto as relações entre o pensamento e as imagens cinematográficas desenvolvidas por Gilles Deleuze, na confluência com ideias de Charles Sanders Peirce, notadamente as que tratam da taxionomia dos signos e das categorias fenomenológicas, uma vez que Deleuze as utiliza para pensar os signos/imagens cinematográficos. As obras *A imagem-movimento – Cinema 1* e *A imagem-tempo – Cinema 2* compõem o *corpus* da pesquisa, que adota as seguintes hipóteses: 1. Os conceitos de imagem-movimento e imagem-tempo contribuem para a compreensão da relação entre pensamento e imagem e se sustentam nas categorias fenomenológicas de Peirce e 2. Os conceitos desenvolvidos por Deleuze permitem a elaboração de estratégias metodológicas de análise de imagens em movimento.

Para comprovar ou não as hipóteses, estabelecemos um protocolo, com as seguintes etapas: 1. Construção de um contexto sobre a natureza das imagens cinematográficas; 2. Revisão de aspectos do pensamento de Bergson, notadamente os que constam na obra *Matéria e memória*, mencionada por Deleuze, bem como do pensamento deleuzeano em relação às teorias de Bergson, ou o bergsonismo, na perspectiva de Deleuze; 3. Desenvolvimento das ideias peirceanas envolvidas nas obras de Deleuze, que compõe o *corpus* da pesquisa; 4. Reflexão sobre os modos de articulação destas ideias nos conceitos imagem-movimento e imagem-tempo; 5. Indicação de avanços relativos à compreensão da relação entre pensamento e imagem na confluência dos pensamentos deleuzeano



e peirceano; 6. Revisão teórica sobre análise de fílmica; 7. Busca de elementos para a elaboração de estratégias metodológicas para análise de imagens em movimento e 8. Elaboração de estratégias metodológicas para análise de imagens em movimento.

A pesquisa tem como objetivo geral compreender a relação entre as ideias peirceanas e os conceitos de imagem-movimento e imagem-tempo. Para tanto, descrever a natureza das imagens cinematográficas em sua especificidade; refletir sobre a fenomenologia peirceana, a taxonomia dos signos que constam na semiótica ou lógica e sobre a lei da mente proposta por Peirce; explicitar a classificação das imagens cinematográficas elaborada por Deleuze; rever estratégias metodológicas de análise fílmica e inventariar contribuições do pensamento deleuzeano para a compreensão da relação pensamento/imagem delineiam-se como objetivos específicos.

Os avanços teóricos e metodológicos estão nos possíveis resultados relacionados à compreensão do pensamento, pensamento enquanto ação de signos, bem como na possibilidade de que destas reflexões possam vir estratégias metodológicas para análise de imagem em movimento. A proliferação de imagens – representações visuais – nas mais diversas mídias, justificaria a importância da pesquisa, uma vez que tais imagens passam cada vez mais a compor o *corpus* de pesquisas nas mais diversas áreas, principalmente na comunicação. Assim, vale ir além da análise dos sentidos produzidos pela linguagem verbal, ou pelas imagens impressas, mas tentar abarcar os sentidos construídos pelas imagens em movimento. A compreensão da relação entre imagem e pensamento, ao mostrar como o pensamento caminha com as imagens, com signos, pode auxiliar na compreensão da cognição do intérprete quando do seu envolvimento com processos e produtos midiáticos.



Com tal pesquisa é possível também colocarmos as ideias de Deleuze e de Peirce num mesmo fluxo, numa mesma corrente, ou ainda, em contracorrente, para deste movimento extrair outra engrenagem, pois conforme Deleuze (1990), há duas formas de ler um livro: a primeira é a que suscita interpretações e faz com que infinitos livros seja escritos, ou seja, com esta forma de ler escreve-se o livro do livro e assim sucessivamente; a segunda opõe-se à primeira, já que um livro “é uma pequena engrenagem numa maquinaria exterior muito complexa. Escrever é um fluxo entre outros e que não tem qualquer privilégio relativamente aos outros, e que entra em relações de corrente, de contracorrente, de turbilhão com outros fluxos” (DELEUZE, 1990, p. 18).

Os resultados da pesquisa são pertinentes para a comunicação visual, principalmente por sugerir e aplicar estratégias metodológicas para análise de imagens em movimento. Há contribuições também sobre a dinâmica do pensamento que envolve signos, imagens em movimento.



A importante contribuição de Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal para o ensino de Arte, Ronaldo Auad Moreira

Grupo de Estudos sobre Semiótica Peirceana da Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG, filiado ao Centro Internacional de Estudos Peirceanos – CIEP/PUC-SP

Este grupo compreende estudos da teoria geral dos signos de Charles Sanders Peirce e dos diálogos contínuos com esta teoria estabelecidos pela pesquisadora e professora Maria Lucia Santaella Braga – diálogos externalizados em publicações que firmam a importância do legado peirceano para a leitura de processos sógnicos que se estabelecem na contemporaneidade. Um desses processos tem sido objeto das atuais reflexões deste grupo de estudos, e refere-se ao ensino de Arte no âmbito da escola formal. A frágil apreensão de processos de criação artística por professores de Arte tem resultado em problemas relacionados à transposição dos fluxos do pensamento estético – e suas corporificações em linguagens diversas – para contextos de ensino e aprendizagem. Soma-se ainda a este quadro o fato de que, em muitos casos, proposições de sala de aula evitam radicalmente a Arte, o que contribui para que crianças, jovens e adultos saiam da escola dizendo não saber nada sobre essa área do conhecimento (SAUNDERS, 1990). O estranho é que isso ocorra mesmo com o intenso trabalho de Ana Mae Barbosa (1999) em disseminar a postura de um ensino de Arte como conhecimento, e não mais como técnica, expressão e atividade. O que se pode perceber, portanto, é que a semiótica da Arte não é, no quadro observado, objeto do ensino de Arte. Neste sentido, pensamos ser necessário que a docência em Arte compreenda como principal base a própria Arte, as diversas poéticas que se processaram e se processam



continuamente, e que fazem crescer esse universo alheio a dicotomizações e circunscrições do pensamento. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal - aplicações na hipermídia*, teoria concebida por Lucia Santaella (2001), cujas bases são a fenomenologia e a semiótica de Peirce, apresenta-se como uma colaboração importante para um ensino de Arte avesso a fragilizações e nulidades. *Matrizes* compreende a natureza híbrida de toda linguagem manifesta, ou seja, nela se inscreve a tese de que toda linguagem é resultado de misturas entre linguagens advindas das matrizes sonora, visual e verbal. Trata-se de uma teoria potente a fomentar a percepção e a análise de semioses da Arte, compreendendo-as como norteadoras para a elaboração de proposições dedicadas ao ensino dessa área do conhecimento. Consideramos que o próprio sentido do termo proposição pode ser amplamente apreendido por professores de Arte nas ações processadas no âmbito do *Neoconcretismo* (BRITO, 1985), movimento ocorrido na cidade do Rio de Janeiro entre 1959 e 1963, e que compreendeu experiências com as artes visuais, a poesia e a dança. Para Lygia Clark (1920-1988), Lygia Pape (1927-2004) e Hélio Oiticica (1937-1980), três dos grandes artistas que integraram a *experiência neoconcreta*, uma obra só se realizaria com a participação ativa do público. Neste sentido, a elaboração de proposições no âmbito do ensino de Arte, posta em diálogo com as ações desses três artistas, possibilitará a apreensão clara dos significados de interdisciplinaridade e de hibridização de linguagens. Tais estados de hibridização de linguagens no âmbito da *experiência neoconcreta* podem ser lidos e analisados a partir de *Matrizes*, em cujo corpo – além dos processos de impureza da linguagem postos nas modalidades e submodalidades do sonoro, do visual e do verbal – inscreve-se um cartograma das linguagens híbridas: linguagens sonoras, sonoro-verbais (orais), sonoro-visuais, visuais, visuais-



sonoras, visuais-verbais, verbais, verbo-sonoras, verbo-visuais, verbo-visuais-sonoras. A aplicação de *Matrizes* ao ensino de Arte promove também a desconstrução de proposições sintático-formais-discursivas que impedem que poéticas sejam desenvolvidas a partir de suas reais necessidades. Estas proposições podem ser compreendidas como signos cujos interpretantes imediatos produzem semioses curtas nas mentes de seus intérpretes, ao contrário de proposições cujos estados de potência produzem fios ininterruptos de signos abrindo-se em outros signos. Este é um dos principais problemas tomados atualmente por este grupo de estudos: a identificação do estado de fragilidade ou potência de aspectos de um objeto dinâmico determinados em uma proposição. Acreditamos que o cuidado na elaboração de uma proposição, seja ela predominantemente verbal, visual ou sonora, é um fator determinante para que se produza conhecimento. Este trabalho ainda busca enfatizar que o subtítulo de *Matrizes - aplicações na hipermídia* – indicia e firma a competência desta teoria para desvelar um universo que se apresenta como fonte potente para alunos e professores da área de Arte, universo onde ocorrem hibridizações incessantes entre linguagens advindas do sonoro, do visual e do verbal. Busca também assinalar, a partir de questões sobre ubiquidade postas por Santaella (2013), que as rítmicas próprias dessas hibridizações e seus caminhos multilineares, multissequenciais e labirínticos – inerentes as nossas mentes – estão sendo estendidas aos sistemas computacionais. É neste contexto que nascem intérpretes, cujos processos cognitivos híbridos podem ocorrer a partir de tecnologias que finalmente e felizmente buscam reproduzir a rítmica do pensamento, rítmica esta muitas vezes tolhida e sob a autocensura de currículos e métodos educacionais que, em sua grande maioria, impediam e ainda impedem a externalização de seu fluxo.



A influência da sociedade de consumo sobre a etnia terena: análise semiótica de desenhos infantis, Thiago Müller da Silva, Sonia Grubits, Rafael Zanata Albertini
Grupo de Pesquisa Identidade, Avaliação e Psicoterapia –
Universidade Católica Dom Bosco, MS

Introdução

O sistema econômico atual possibilitou a configuração de uma sociedade que promove um estilo de vida baseada no consumismo, exigindo habilidades de adaptação de seus participantes devido à rápida e constante modificação do ambiente capitalista. Entre os estudos relevantes às comunidades indígenas do estado de Mato Grosso do Sul, destacam-se os que se dedicam à etnia Terena, em razão do seu intercâmbio com os não-indígenas – que se deve a situações históricas e políticas peculiares.

A língua portuguesa foi um dos elementos da estratégia de sobrevivência da etnia Terena em meio aos não-indígenas. Com a Guerra do Paraguai (1864-1870), eles precisaram não apenas reconfigurar seu território, como também necessitaram produzir um novo modo de viver. Nessas transformações internas provocadas pelo entorno, os indígenas tornaram-se mais vulneráveis às práticas de consumo propagadas pelas mídias. A relação amistosa e até submissa dos Terena com a sociedade não-indígena – que Cabreira (2006) resume na categoria “adaptabilidade” – adiciona novas características ao grupo em resposta à aproximação desenvolvida. No caso da criança, esse processo acontece e se manifesta no ato de brincar. É aí, pois, que está inserido o escopo desta pesquisa, a qual busca responder à questão: o que a Semiótica de Greimas revela acerca da influência da sociedade de consumo sobre a etnia Terena?



Objetivo

Analisar a influência da sociedade de consumo (não-indígena) sobre crianças Terena da aldeia Bananal (próxima a Aquidauana, Mato Grosso do Sul, Brasil), por meio da análise semiótica aplicada a desenhos.

Metodologia

Utiliza-se a Semiótica Estrutural de Greimas como estratégia de produção de conhecimento para interpretação de textos não-verbais – desenhos, por se tratar de uma estratégia defendida por Grubits (2003) como uma das melhores opções de trabalho com crianças. Houve sucessivas visitas à Aldeia Bananal e à Escola Municipal Indígena “General Rondon” ali situada, na qual alguns alunos entre sete e oito anos foram convidados a confeccionar desenhos com tema livre numa atividade recreativa. As dezoito representações artísticas produzidas são lidas a partir do diagrama teórico de Greimas (1973) e relacionadas com o referencial bibliográfico e a entrevista em profundidade.

Resultados

A pesquisa revela um público que está inserindo elementos não-indígenas em sua rotina que não estavam presentes outrora. Na linguagem imagética analisada, há elementos não apenas da comunidade em que essas crianças vivem, mas também signos externos típicos da sociedade de consumo, confirmando percepções de Azevedo (2008). As narrativas não-verbais contêm signos que apontam transições entre as sociedades. Desse modo, a pesquisa demonstra um povo que, mais uma vez, tem promovido a adaptabilidade como estratégia de sobrevivência aos desafios



contemporâneos – prática que não ignora sua cultura e valores, mas as modificam.

Considerações finais

O pesquisador, no processo de investigação de um fenômeno por meio da semiótica estrutural, precisa conhecer profundamente alguns aspectos e características de seu objeto de pesquisa, para que, por meio desse olhar, consiga enxergar a articulação presente e evidenciada pelos signos existentes em sua linguagem (GREIMAS, 1976).

A Semiótica Estrutural apresenta-se como uma via oportuna de análise de signos elaborados pelas crianças indígenas com o objetivo de compreender os adjetivos que as constituem e os movimentos socioculturais de que participam, o que oferece um olhar apurado dos dados colhidos no ambiente vivenciado pelos sujeitos-participantes segundo as perspectivas deles próprios. Sendo assim, o material narrativo, confrontado com sua historicidade, possibilita a compreensão de elementos linguísticos que são transitórios ou permanentes à etnia.



Jornalismo cultural sobre Artes Visuais, Gilmar Hermes Grupo de Estudos sobre Jornalismo Cultural - UFPEL

O Grupo de Estudos de Jornalismo Cultural, vinculado ao curso de Bacharelado em Jornalismo, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) está em fase de finalização da pesquisa “A Cobertura de Artes Visuais da Revista Bravo!”, na linha de estudos semióticos. Foram produzidas análises em artigos refletindo sobre a área editorial de artes visuais, fazendo uso da semiótica peirciana. Como é próprio da referência à obra de Charles Sanders Peirce, há sobretudo a preocupação de recuperar e compreender os aspectos lógicos de reconstrução textual jornalística. No caso das artes visuais, trata-se de fenômenos que envolvem a sensibilidade humana, tanto do ponto de vista de quem produz as obras, como também do jornalista que fica encarregado de intermediar esta produção e do leitor que tem acesso à revista publicada. A teoria peirciana, - fundamentada nas categorias fenomenológicas da primeiridade, secundidade e terceiridade, - permite pensar aspectos da sensibilidade artística, interpretando a constituição semiótica desde a materialidade das obras, acessíveis em exposições, os fatos que envolvem as produções e as diversas ideias que perpassam os textos e dizeres sobre as obras.

Semioticamente, os textos jornalísticos são marcados pelo uso de sinsignos, tipos de signos marcados pelo valor notícia da “atualidade”, fundamental do jornalismo, que se relaciona ao relato dos acontecimentos em fluxo. Quando se trata de um evento artístico, são recuperados sinsignos, que ao mesmo tempo estabelecem uma conexão com a sucessão de fatos e reconstróem o processo de criação artística, de forma a tornar o objeto visado compreensível. Estes sinsignos tendem a ser descritos pelos



jornalistas a medida em que são fortemente marcados por critérios de noticiabilidade. Nas reportagens da revista Bravo!, está claro como o processo produtivo da edição jornalística ocorre com a colaboração dos artistas, que também participam da elaboração gráfica da publicação através das suas imagens. Contudo, é importantíssimo que repórteres e editores sejam sensíveis às características da produção visual do artista, buscando critérios de noticiabilidade próprios do jornalismo cultural, indo um pouco além da curiosidade que caracteriza toda e qualquer prática jornalística.

Nas análises, observou-se a combinação do trabalho de constituição sígnica dos textos verbais ao lado da elaboração semiótica da parte gráfica, em que houve um investimento admirável na sua produção. Também a publicação beneficiou-se do próprio assunto em pauta, as artes visuais, tendo acesso a signos icônicos que se integram a apresentação visual das páginas da revista. Os ícones correspondem de forma semelhante à experiência dos eventos artísticos e neste sentido cumprem com uma função indispensável neste processo de intermediação.

No texto verbal, legissignos do campo jornalístico e do campo artístico são agenciados de forma a tornar acessível ao público leitor a singularidade dos eventos artísticos, mas já produzindo interpretantes de maneira que se pode alargar ou restringir a produção de sentido.

Ao tratar de obras de arte, é necessário produzir semioses marcadas pela ordem da secundidade de forma a perceber as obras na sua maior vitalidade, como entidades que interagem com os espectadores e são resultado de ações concretas. As obras constituem-se por um vir a ser contínuo, também marcado pelos processos de criação e de recepção. Pelo fato de que o jornalismo



cultural caracteriza-se como um espaço de consagração, os legissignos muitas vezes produzem semioses que afastam a produção de sentido da primeiridade e secundidade, enfatizando legissignos que visam sobretudo enquadrar os artista nos espaços de legitimidade.

As reportagens são profícuas, em termos de compreensão das obras, quando as imagens reproduzidas com boa qualidade, associadas aos depoimentos dos artistas, revelam os seus processos criativos.

Nas junções de ícones e a descrição de sinsignos, em boa parte sem remetê-los à condição de legissignos, permite-se algo que é próprio da experiência estética, ou seja, uma relação de interesse para com objetos criados na cultura moderna, como algo a ser vivenciado sensivelmente, dentro desta “relação mútua” que caracteriza a arte. A dimensão de sinsigno dos objetos artísticos, fenômenos que convidam à contemplação e à reflexão, é algo a ser desenvolvido pelo jornalismo cultural.



Leitura de imagens: fotografia, cinema e sinfonias de metrópole,

Fernanda Aguiar Carneiro Martins

Laboratório de Análise da Imagem e do Som (LACIS) – UFRB

Em seu ensaio seminal “Cinema: língua ou linguagem?” (1964), Christian Metz opera o passo inicial importante, no âmbito dos estudos da Filmolinguística, indagando a respeito da natureza dos signos que compõem a linguagem do cinema, (caso se confirme a existência desta última). Assim sendo, a Semiologia do Cinema nasce em meio a questionamentos tais como a possibilidade de um plano corresponder a uma palavra, uma sequência de um filme a um frase, em uma aproximação com o signo verbal. Ora, mais adiante, em seu livro *Linguagem e Cinema* (1971), buscando se liberar de conceitos dotados de uma carga propriamente linguística, Metz postula a presença de códigos especificamente cinematográficos como também de códigos não especificamente cinematográficos, formando a linguagem do cinema. A linguagem cinematográfica consiste, pois, no conjunto de mensagens, cujo material de expressão abrange cinco pistas ou canais: a imagem fotográfica em movimento, os sons fonéticos gravados, os ruídos gravados, o som musical gravado e a escrita (créditos, intertítulos, materiais escritos no interior do plano).

A nós nos interessa a imagem, primeiro elemento destas cinco pistas ou canais, objeto da leitura analítica que aqui nos propomos a efetuar, a partir da relação que se estabelece entre a fotografia e o cinema, possuindo como foco os documentários autorais e poéticos designados como “sinfonias urbanas”, “sinfonias de cidade” e ainda “ de metrópole”. Concentrados habitualmente em um dia da vida de uma grande cidade, estes filmes costumam eleger a cidade-tema como protagonista, flagrada em seu cotidiano



mais banal, descoberta em seus ritmos e movimentos mais sutis. Daí se explica, em geral, a atenção concentrada no recurso da montagem, a qual o presente estudo pretende contrariar, atendo-se a algo ainda anterior e, sem dúvida, mais primordial.

Possuindo como marco inicial as realizações dos anos 1920 - embora alguns títulos já sejam detectados na década anterior com o Futurismo italiano, observamos a atividade de fotógrafos então cineastas em um filme como *Manhatta* (1921), de Charles Sheeler e Paul Strand, filme este que, tal como apontado em seu título, dedica-se à ilha de Manhattan. Em solo europeu, sob o ângulo da inter-relação fotografia e cinema, posta mais direta e explicitamente, o artista húngaro László Moholy-Nagy oferece uma primeira reflexão, encontrada em seu livro *Pintura, Fotografia, Filme*, cuja primeira edição data de 1925. Nele, o estudioso, professor da Escola Bauhaus, adepto da ideia “arte e técnica, uma nova unidade”, defende uma nova visão, ampliada pelo espírito da técnica. Assim sendo, oferece uma apreensão da imagem até então inédita, a qual amplia nossa concepção da estética fotográfica, à medida que institui os princípios de um novo estilo fotográfico. Iguamente espécie de mentor das sinfonias urbanas, em *Pintura, Fotografia, Filme*, Moholy-Nagy inclui a publicação do roteiro “Dinâmica da Metrópole”, jamais transposto para a tela de cinema, cuja introdução é reveladora numa tomada de posição face aos elementos visuais.

Em meio ao debate que se coloca sobre o caráter indicial e/ou sobre o caráter icônico, presente nas imagens fotográficas e fílmicas, com base nas abordagens sobre a analogia (Metz, Schaeffer, Aumont), cabe aqui refletirmos e analisarmos todo um conjunto de imagens, em um século de sinfonias urbanas. É notável examinar o quanto essa produção fílmica minoritária e localizada jamais deixou de constituir objeto de interesse de cineastas, que se



lançam numa espécie de olhar-registro, olhar-testemunho, num gesto de homenagem às cidades enfocadas. Se, por um lado, há Sheeler e Strand, Flaherty, Florey, Cavalcanti, Ruttmann, Vertov nos anos 1920, por outro, defrontamo-nos com Schadt, Reggio, Davies, Cousins, nesse início de século.



Linguagens artísticas e memória em semiose: um trabalho sensível de tradução da cultura amazônica, Marlise Borges

Centro de Estudos da Oralidade – PUC-SP

O nosso estar no mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural, de linguagens. Entende-se por linguagens, todos os sistemas de produção de sentido, aos quais, o desenvolvimento dos meios de reprodução dessas linguagens propiciam hoje uma enorme difusão! É sabido que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação. E considerando-se que esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagens, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido. O que está em foco aqui nesta pesquisa são as linguagens artísticas (a música, o teatro e a literatura) que são utilizadas por Walter Freitas, para desenvolver o seu pensamento poético – e revolucionário – sobre a Amazônia. E nada melhor do que a arte (onde naturalmente existem espaços de liberdade, subjetividade, abstração e criação) para que um artista, que desenvolve o seu trabalho com inteireza, possa construir – de forma plena e brilhante – e através de verdadeiras obras de arte, suas memórias; as memórias de um povo (de seu povo). As memórias, enfim, de uma cultura: a cultura amazônica!

Este, portanto, é um trabalho de memória cultural. E é sabido que a memória de cada cultura vem de muito antes! São arquivos de muitos anos atrás. Segundo Lúri Lotman (1971, p. 41): “visto que a cultura é *memória* (ou se preferem, gravação na



memória de quanto tem sido vivido pela coletividade), ela relaciona-se necessariamente com a experiência histórica *passada*". E como bem falou o semioticista russo, não devemos imaginar a memória da cultura como um depósito, no qual ficam amontoadas as mensagens. Porque a memória não é apenas um depósito de informações, mas sim um mecanismo de regeneração das mesmas. Sendo assim, é importante esse movimento tradutório na cultura. Pois quando esse projeto tradutório se alastra numa sociedade, aumenta a combinação entre os elementos. Deixando mais claro: as conexões aumentam! E isso é importantíssimo! Por isso é que sempre deve haver uma relação entre memória e contemporaneidade. Porque o que dá vida ao contemporâneo é a reaplicação (ou a recriação e também a tradução) de um fato da memória no presente. E é exatamente o que faz Walter Freitas, em suas obras artísticas.

Como o Brasil tem uma cultura onde houve uma confluência muito grande de processos civilizatórios, ele se transformou em um ambiente propício à combinação de diversos elementos, entre eles os festeiros e religiosos (estamos falando aqui da dicotomia sagrado x profano) ao mesmo tempo. O rito religioso (tanto católico como de outras crenças), portanto, de uma forma ou de outra, sempre se transforma em festa. Em um lugar como este, feito desses cruzamentos todos, o fenômeno se dá em toda a sociedade. E nesta mesma situação vive a Amazônia! E Walter Freitas sabe disso, pois que este é um dos pontos marcantes de suas obras. E assim como não existe a separação entre o sagrado e o profano, também não existe a separação entre a matéria e o espírito. Neste caso, estamos falando de separação entre um suposto saber superior – mental - e um saber manual – popular. O que existe no Brasil – e na Amazônia – na verdade, é um trânsito entre os dois. O saber mental refere-se



à Academia, à ciência; e o saber popular, àquilo que está fora da Academia, que não está nas escolas e nos livros, mas está em todo lugar: na natureza, nas lendas, nos mitos, na vida, enfim! Porque não há um só tipo de conhecimento.

Como pesquisadora, foi necessário ir aos documentos (manuscritos, partituras, textos editados, registros fonográficos e/ou sonoros e audiovisuais) do autor, numa perspectiva fenomenológica, uma vez que a meta era conhecer as obras, para então transcrever, interpretar e/ou analisar o projeto poético (e estético e ético) de Walter Freitas. Todo e qualquer material do artista era importante, para que tivesse início uma leitura (que por natureza já é uma interpretação), para depois prosseguir em um trabalho sensível de mediação, até chegar ao ato comunicativo de obras de arte que enxergam e executam a criação de uma forma orgânica, como um sistema. Trata-se de trabalhos (essenciais e primorosos) de tradução, de um autor que privilegia a tradução no mesmo grau de integridade dos textos de partida que, por sua vez, também já são uma tradução. Ou seja, é normal estarmos sempre traduzindo as tradições. E o Brasil (assim como toda a América Latina) é a maior prova disso!



Linhas imaginárias: o enquadramento como conceito das Histórias em Quadrinhos à luz da semiótica, Isa Oliveira

CEFET- MG

As Histórias em Quadrinhos (HQs) constituem uma linguagem que transita pela literatura, pela arte e pela comunicação. Tal linguagem, por atuar em mais de um campo, desencadeia algumas problemáticas: seria ela uma literatura? Seria ela uma linguagem comunicativa-visual? Seria ela uma arte em movimentos sequenciais? Sua complexidade frente ao leque de informações de sua representação se amplia ao contrapormos os elementos que a formam, os dois grandes signos, imagem e texto, que por si só e em uma relação intrínseca rendem inúmeras discussões e estudos. Quando lemos ou ouvimos o termo “histórias em quadrinhos”, ou simplesmente “quadrinhos”, o que vem à tona em nossa mente é uma imagem de uma narrativa envolta de quadros ou requadros. As sarjetas ou calhas que são os vazios entre os requadros exercem a função divisora de quadros, propiciando a ideia de uma linha separadora e invisível que nos remete à forma/formato de um quadro. Considerando essa premissa, *o objetivo da discussão proposta é compreender as definições conceituais para as narrativas sequenciais à luz da semiótica por meio do elemento compositivo dessa linguagem: os requadros*. Mas como definir essa arte-linguagem? É com esta pergunta que se percebe que Vergueiro (2015) busca apresentar os pressupostos existentes em torno da linguagem dos quadrinhos. Uma “narrativa gráfico sequencial” é uma das clássicas denominações dadas conceitualmente às HQs e discutidas por ele. Para uma discussão do termo à luz da semiótica é preciso, antes de tudo, observar as significações atribuídas por pensadores do gênero. Nesse sentido, para Cagnin (2014) a história em quadrinhos pode ser definida como



um sistema no qual se percebe o uso de outros elementos conceituais complementares como: narrativa, signos, imagem, códigos e linguagem escrita. De acordo com Vergueiro (2015) baseado em Cagnin, imagem e palavra são elementos complementares (VERGUEIRO, 2015, p. 17). Cabe ressaltar que segundo Cagnin (2014) a função da imagem não é representar o texto escrito, mas complementá-lo de forma que os códigos tenham uma unicidade com características muito próprias de representação que os tornam inseparáveis. Há casos de HQs sem a linguagem escrita, narrativas que não são escritas por meio de balões, onomatopeias, títulos, legendas ou texto embaixo dos quadros como ocorre em grande parte das tiras. Além de abranger essa definição de Cagnin (2014), a consideração da existência ou não da linguagem escrita não é condicionante para que a HQ seja classificada como narrativa sequencial. Segundo Santos (2015) cada quadro ou vinheta, “as ilustrações, acompanhadas ou não por palavras, correspondem a um momento fixo do fluxo narrativo.” (SANTOS, 2015, p. 27), com isso não há como desconsiderar esse elemento estrutural da composição da linguagem dos quadrinhos. Para Scott McCloud (1995, p. 20), uma história em quadrinhos é constituída por “[...] imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador” (apud VERGUEIRO, 2015, p. 15). McCloud (1995) buscou uma definição para os quadrinhos ao olhar para a sua estrutura através das imagens, quando expôs a ideia da narrativa sequencial de imagens. Considerando a teoria de Cagnin que imagem e palavra são complementares, a predominância icônica se faz elementar na narrativa sequencial, uma vez que a complementaridade textual pressupõe que imagens em sequência podem relatar uma história sem necessariamente haver a presença do signo verbal. Thierry Groensteen (2015) em seu



livro *O Sistema dos Quadrinhos* defende uma análise dos quadrinhos por meio de uma decupagem de cada quadro, das imagens que o compõe. Ele criou duas denominações para se pensar a estrutura básica das HQs, a Artrologia e a Solidariedade icônica. Desta forma, o espaço que ocupa uma narrativa sequencial constitui o conjunto que identifica uma HQ por meio das relações estabelecidas entre os requadros e seus ícones. Na linha de análise estrutural proposta por Groensteen a partir dos requadros é que buscamos refletir sobre a definição dessa linguagem que dá nome a esta arte. Dentro do estudo semiótico para as linhas imaginárias dos requadros, a abordagem de Santaella e Nöth (2008), em *Imagem: cognição, semiótica, mídia*, nos remete aos modelos de representação mental. A discussão apontada por Santaella se refere ao postulado de que fazemos uma leitura dos conceitos abstratos por meio de ícones que sejam referenciais. A perspectiva da proposta aponta como os quadros se tornam objetos referenciais dentro da estrutura dos quadrinhos.



A necessidade de uma teoria normativa adaptativa de Direito Internacional com fundamento na teoria da cognição da semiótica de Pierce, Alex Silva Oliveira USP - Direito

1. O porquê da insuficiência dos atuais modelos explicativos da normatividade de Direito Internacional

Desde o período clássico do Direito Internacional¹¹, os doutrinadores tentam explicar esse ramo do Direito por meio da razão natural dada pela vontade divina¹², da vontade dos Estados pela *pacta sunt servanda*¹³, de uma visão sistêmica da matéria¹⁴ ou, até mesmo, por uma visão simbólica de justiça e segurança jurídica¹⁵.

Na doutrina mais moderna¹⁶, percebe-se uma mudança na estrutura de pensamento devido a não mais centralidade no Estado como sujeito único de Direito Internacional e as questões desse ramo de Direito terem se expandido e atravessado as fronteiras

¹¹ VITÓRIA, Francisco. **Os índios e o Direito da Guerra**. Tradução de Ciro Mioranza, Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

¹² SUAREZ, Francisco. **De charitate** (Livro XIII, praemium

¹³ GROTIUS, Hugo. **The rights of war and Peace**. Editor KnudHaakonssen. Editora Liberty Found. Indianápolis;

¹⁴ MARTENS, Georg Friedrich. **Du droit des Gens Moderne de L'Europe fondée sus les traites et les usages**. 1789.

¹⁵ LE FUR, Luis. **Precis du Droit International Public**. Paris, 1937. Ele combina o método histórico com o método indutivo para o estudo do direito internacional, afirmando ser insuficiente cada um dos métodos isoladamente (op. cit. pág 182, parágrafo 386).

¹⁶ JESSUP, Philip C. **Direito Transnacional**. Tradução Carlos Ramires Pinheiro da Silva. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1965; Friedmann, Wolfgang. **Mudança da estrutura do Direito Internacional**: Freitas Bastos, 1971.



territoriais do Estado por meio de variados temas (direitos humanos, direito do meio ambiente, etc.) por variados agentes e por meio de uma multiplicidade de fontes normativas que não mais se adstringem ao Estado e à lei¹⁷.

Dessa maneira, o que se observou ao longo do tempo nas diversas obras de Direito Internacional foi a tentativa – ainda incipiente – em representar esse modelo dinâmico por meio apenas tendo por base a lógica do discurso linguístico estruturalista¹⁸ que é insuficiente para representar o fenômeno dinâmico e adaptativo do Direito Internacional. Por esta razão, é imperativa uma teoria normativa adaptativa que corresponda melhor às dinamicidades e aspectos variados do Direito Internacional.

2. O papel e as possíveis contribuições da semiótica de Peirce para a emersão de uma nova concepção de entendimento do Direito Internacional

Para este fim, é imperiosa a fundamentação teórica e filosófica capaz de responder a esse fenômeno social dinâmico. Utilizar a semiótica da linguagem estruturalista de Saussure incorre em problemas epistemológicos quando se analisa mais a fundo as peculiaridades do Direito Internacional, principalmente, quando o vê como sistema – para alguns autores, um sistema de Direito é um sistema social autopoietico, autorreferencial cuja validade encontra-se nele mesmo¹⁹.

¹⁷ DELMAS-MARTY, Mireille. *Por um Direito Comum*, Martins Fontes.

¹⁸ KOSKENNIEMI, Martti. *From apology to utopia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999; Saussure, Ferdinand de. *Course in General Linguistics*. Bungay, Suffolk 1981.

¹⁹ LUHMANN, Niklas. *Social systems*, 1995.



Entretanto, essas próprias denominações que esses pensadores denotam ao Direito em geral e, não obstante ao Direito Internacional, corroboram a um tautismo²⁰ que desvirtua o próprio propósito do Direito como um sistema social representativo em um determinado espaço e tempo jurídico.

Para explicar a necessidade de uma teoria normativa plástica – especificamente no que tange à norma internacional-, a semiótica e filosofia de Peirce²¹ são chaves fundamentais para se chegar a um entendimento da teoria do Direito Internacional adaptativa capaz de superar a lógica clássica de entendimento comunicativo de Laswell ou mesmo a lógica cartesiana para compreender o Direito Internacional a partir de uma teoria da cognição, porém sem ranços extremistas do pragmatismo de Holmes²² que extirpa aspectos louváveis da teoria peirciana que devem ser reconsideradas para um modelo atual e adaptativo de Direito Internacional.

3. Rumo a um modelo teórico adaptativo normativo de Direito Internacional

Devido ao exposto, conclui-se que a há indícios de que é necessário um modelo normativo mais fiel à contemporaneidade da plasticidade a respeito das peculiaridades do Direito Internacional

²⁰ SFEZ, Lucien. ***Crítica da Comunicação***. Tradução: Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral. Editora Loyola. 2ª Edição, São Paulo, 2000.

²¹ How to Make our Ideas Clear and The Fixation of Belief in C. PEIRCE, V THE COLLECTED PAPERS OF CHARLES SANDERS PEIRCE at 5.384. C. HARTSHORNE & P. WEISS EDS. 1934; C. PEIRCE, VIII THE COLLECTED PAPERS OF CHARLES SANDERS PEIRCE 8.295 (A. Burks ed.1958); (C. PEIRCE, I THE COLLECTED PAPERS OF CHARLES SANDERS PEIRCE 1.186 (C. Hartshorne & P. Weiss eds. 1931);

²² O.W. HOLMES, ***The Common Law***, (1963).



de modo que o método trazido da semiótica e filosofia de Peirce são instrumentos ímpares para a consecução desse objetivo.



Mutabilidade como procedimento no espaço semiótico, Irene Machado, Daniela Osvald Ramos, Andreia Moura, Daniel Felipe Fonseca, Douglas Vinícius Galan, Lívia Cristina Machado
Grupo de Pesquisa Semiótica da Comunicação – USP

No estudo sobre formas visuais híbridas, Andreia Moura parte da hipótese de que as formas visuais híbridas desenvolvidos na comunicação mediada emergem de fronteiras e de territórios de mestiçagem, levando as representações a reinventarem os modos de “ver” no encontro de diferentes suportes visuais, o que parece indicar um convite subliminar à transformação da percepção. Investigar “formas visuais híbridas” (e a própria delimitação conceitual desta ideia), partindo da hipótese de tais construções serem um espaço semiótico onde a circulação dos textos se dá de maneiras pouco convencionais ou esperadas, subvertendo as significações na cultura é o foco do estudo.

Na análise do museu como espaço em movimento, Livia Machado examina como as mudanças provocaram a emergência de um espaço em que o fluxo das imagens museográficas apresenta a fugacidade e representação de suas modificações. Novas potencialidades estéticas, interativas e representativas das imagens técnicas do museu apontam para criações de questões ontológicas da nossa própria natureza, pois não só desenhamos essa imagem do mundo como também a somos. Se o mundo se transforma em imagem e nós estamos na imagem a respeito de algo, tal qual propõe Heidegger, a produção das imagens técnicas no museu em suas nuances documentais e artísticas são mais do que meras produções e sim manifestação científica da natureza ontológica do humano e do mundo, como se procura examinar nessa pesquisa.



Movimentando-se no contexto da produção videográfica, Daniel Fonseca examina o espaço de transformação criado na obra multimeios de Valêncio Xavier, cuja marca é o movimento. Em primeiro lugar, além do sentido mais óbvio (nos filmes e vídeos), trata-se por movimento, aqui, a sua sugestão (nos livros), seja por meio de uma indicação para um encaminhamento do olhar, seja como hipertexto, seja como inserto apropriativo, seja como andamento temporal narrativo. Em segundo lugar, também se considera como movimento o fenômeno do trânsito entre linguagens forjado em zonas fronteiriças: um pensamento organizado de tal maneira a se apresentar ao leitor e ao espectador também em trânsito. Isto é, no caso de seus livros, a relação da disposição espacial gráfica dos elementos com o andamento temporal narrativo, ocorrida por meio de textos multimodais pré-digitais, seria reveladora de conquistas formais realizadas pelo autor. Trabalha-se com a hipótese de que tal dinâmica cinética de organização estaria no cerne da interação entre linguagens em sua obra.

Não apenas em processos midiáticos o espaço semiótico é flagrado em suas transformações graças à ação de diferentes construções culturais. Douglas Galan tomo como objeto de estudo o campo da própria vida material humana, espaço por excelência dos meios de sobrevivência como é o caso da agricultura em suas diferentes mutações ao longo de nossa evolução. No século XXI, a atividade alcança lugares e identidades inéditos, como o desenvolvimento de cultivo de hortas dentro das espacialidades urbanas, e relacionadas a diferentes tecnologias de nosso tempo. Tais expressões culturais nos levaram a eleger a agricultura e a agroecologia em território urbano como alvo de investigação de sua expressão como texto no espaço semiótico, erigido não apenas de



aspectos físicos e sociais, mas também de alcances midiáticos, eletrônicos, cinemáticos e computacionais. Dessa percepção, nascem hipóteses de pesquisa, organizadas em expressões a que denominamos “agricultura digital” e “cyber roças”, alcunhas que designam repositórios de signos articulados da cultura, que estão sob investigação dessa pesquisa.

Já Daniela Ramos dedica-se ao estudo do espaço informacional. Em sua abordagem, investiga a dimensão da violência nas bases de dados do ambiente numérico, que é feita a partir dos algoritmos. A noção do código é central neste problema, pois é através do código que os algoritmos modelizam a geografia da informação no ciberespaço, que se traduzem nos formatos e que articulam diagramas de sentido entre estes mesmos formatos, ambientes e espaços numéricos e físicos. As bolhas algorítmicas são as ilhas que compõem esta “geografia da informação”, que se formam e são modelizadas a partir dos algoritmos proprietários do Google e do Facebook, por exemplo (mas não somente estes). É possível entender os algoritmos também como instituições, estruturas ativas na sociedade contemporânea, que modelizam a percepção dos textos da cultura. O algoritmo informático executa rotinas previstas por seus programadores, que codificaram linguagens, e rotinas definem riscos sociais, ao mesmo tempo que são uma fonte de ordenação de ordem social, como são observados nos casos examinados.



A palavra do esporte: ESPORTÍDIA-UFU e a interlocução semiótica enquanto epistemologia na formação acadêmica e profissional em Jornalismo Esportivo, Rafael Duarte Oliveira Venâncio ESPORTÍDIA: Estudos Analíticos em Esporte, Jogos e Mídia – UFU

Em atividade desde 2013 na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), o ESPORTÍDIA – Estudos Analíticos em Esporte, Jogos e Mídia é um grupo de pesquisa concentrado na formação acadêmica, profissional e extensionista em Jornalismo Esportivo a partir da reflexão da linguagem midiática. Atuando na Graduação em Jornalismo e no Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da UFU, o ESPORTÍDIA parte do pressuposto de que o esporte, além de jogado, produz amplas teias de significação. Contamos histórias sobre esportistas passados, narramos a ação do esporte no presente e discutimos o seu futuro. Tudo isso pelo universo da linguagem.

Assim, a linguagem é “o espaço onde o homem existe e no qual o universo convencional dos signos estrutura o seu pensamento e constitui a sua cultura” (VOGT, 1989, p. 72). Essa afirmação nos leva a concordar com Octavio Paz (1972, p. 9) de que o mundo não se apresenta mais como uma realidade que devemos nomear, mas como palavra que devemos decifrar.

Tal busca por essa “palavra” pela qual o Jornalismo Esportivo se (re)presenta, para lembrarmos do conceito de *Vorstellung* proposto por Wittgenstein (1999), é uma maneira de superar o estado meramente informacional da profissão, bem como resgatar a tradição história narrativa que a prática midiática possuía.

Esse processo epistemológico se calca em três fontes de extensa interlocução semiótica: A. J. Greimas (1973, 1977), C. S. Peircerevisto por Gilles Deleuze (2009) e o diálogo entre Umberto



Eco (2008) e David Lewis (2001). Por “interlocução semiótica” estamos nos referindo a autores que possuem inspiração ou diálogo com a obra semiótica de C. S. Peirce mas que, muitas vezes, não são considerados semioticistas.

Em amplo aspecto, a formação semiótica utilizada é a greimasiana. Há uma preferência pelos modelos atuacionais e transformacionais de Greimastanto como metodologia de análise acadêmica (VENANCIO; SILVA, 2016) como enquanto pressuposto da prática profissional (MARTIN, 2017).

Referente à fonte semiótica deleuziana, foi trabalhado em estudos anteriores (VENANCIO, 2010; 2015a), a representação semiótica do automobilismo em suas formas gráficas através de uma interpretação posta pela Segundidade interpretada por Deleuze. Há um desenvolvimento futuro da pesquisa onde se deseja investigar como o corpo completo das categorias cenopitagólicas e seu processo de degeneração são articulados para a representação do movimento das corridas automobilísticas feita nos quadrinhos *Michel Vaillant* de Jean Graton. As aplicações práticas deste trabalho se concentraram na atividade extensionista denominada *Tirinhas Olímpicas* (VENANCIO; SOARES, 2016) onde histórias em quadrinhos foram desenvolvidas a partir desses conceitos e veiculadas em redes sociais digitais.

Por fim, a reflexão de altermundismo e mundos possíveis posta pelo diálogo entre Umberto Eco e David Lewis não se coloca apenas enquanto investigação acadêmica no campo dos quadrinhos (VENANCIO, 2014a) e das crônicas esportivas de futebol (VENANCIO, 2014b). Partindo do pressuposto que a observação da linguagem e seu jogo interacional com o mundo para produzir “realidades” que nos levam a uma definição de isomorfismo como mundos possíveis da linguagem, é possível pensarmos sob o caleidoscópio histórico e informacional que o Jornalismo Esportivo se coloca ao falar do



esporte. Essa reflexão se torna importante na execução prática do Projeto de Pesquisa *Triângulo do Futebol* (2016-2018) que, com o apoio da FAPEMIG, deseja produzir um webdocumentário não-linear com 90 vídeos de um minuto de duração sobre a história do futebol do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

Com essa reflexão, o ESPORTÍDIA assume o desafio de resgatar, através do arcabouço semiótico, os processos da reflexão da linguagem envolvida na atividade social do esporte, bem como em sua narrativização pelo jornalismo esportivo através de notícias, livros-reportagem, narrativas gráficas, entre outras. Esse processo é feito de maneira radial, abrangendo tanto a pesquisa acadêmica como a prática profissional, tanto os quadros internos da Universidade como a sua relação extensionista com o amplo público.

Eis, desta forma, a compreensão da “palavra do esporte” por meio da interlocução semiótica. Compreensão essa que busca a superação informacional do jornalismo esportivo a partir da valorização do seu espaço narrativo e plurisemântico ecoando a reflexão sociosemiótica posta por Octavio Paz.



Por que se faz necessária uma abordagem semiótica para estudar os sistemas urbanos?, Fátima Aparecida dos Santos

Grupo de Pesquisa Criatividade e Inovação no Espaço Urbano - UnB

A cidade como mídia, como discurso, como paisagem, como suporte para a discussão literária, ou ainda, a cidade como metáfora, fez e faz parte dos estudos da comunicação e mais ainda dos estudos Semióticos. De Benjamin à Lotman, das discussões teóricas iniciais às atuais, é no espaço urbano que os jogos sociais e culturais desenvolvem seus processos e, portanto, acontecem. Assim a cidade que é objeto de estudo de geógrafos, sociólogos, urbanistas, antropólogos e ecologistas deve ser defendida também como um campo de estudo da semiótica. No Brasil o tema da cidade esteve presente no trabalho de Décio Pignatari, especificamente no texto "a moça e o repertório", mas é sobretudo o conteúdo de textos desenvolvidos pela ou com a participação e supervisão da professora Lucrecia D'Aléssio Ferrara que abordam este tema. Em outros países encontramos as contribuições da biossemiótica, da semiótica da cultura no próprio Lotman, em estudos e análises desenvolvidas pelo grupo Circe da Università Degli Studio di Torino. Entretanto, observa-se sempre o esforço de explicar a cidade como um *corpus* ou um objeto de estudo da semiótica. Entende-se que a cidade tem uma complexidade que por vezes inviabiliza o trabalho de um semioticista, principalmente quando se elege fundamentações ou escolas semióticas que buscam no texto verbal a metodologia para abordar também textos não discretos, considerando as variações estruturais mínimas para ao final sistematizar as diferenças em uma macroestrutura. A dificuldade de se ter a cidade enquanto objeto de estudo semiótico reside no fato de ela não ser redutível a um único sistema, a uma única matriz



geradora de textos. Defendo desde o doutorado a consideração da cidade como um feixe de textos semióticos complexos no qual eixos, coordenadas e abscissas se interrelacionam para dar os aspectos e leituras que temos do ambiente urbano. A cidade jamais pode ser considerada como um palco livre, isento ou como um ponto zero da história, é um cenário no qual diversas narrativas já se desenvolveram, geraram informações, textos e cultura que corroboram para os acontecimentos atuais e futuros. Assim, pensar nos sistemas semióticos urbanos requer o esforço de entender a cidade como o resultado de fluxos de pessoas e os mecanismos de geração de significado presente em tais fluxos migratórios (cultura, vocabulário, vestimenta, gestos e por quê não na linguagem verbal?). Os fluxos migratórios por sua vez também geram tensões, confrontos semióticos de partida como a definição de línguas oficiais. Eles ainda redefinem, por exemplo os desenhos de janelas e as estruturas das casas e edifícios (do encontro entre o edifício europeu e o árabe tem-se os prédios com pátios internos e janelas com venezianas). A cidade se constrói a partir ou não da permanência de grupos e da sua capacidade de atrair e manter as pessoas. Para entender o fenômeno da metrópole na atualidade seria muito elucidativo olhar para as cidades vazias do passado, a pergunta feita é sempre: o que afastou os moradores de determinado lugar? A fome, a escassez de água, a invasão de outros grupos, os desastres naturais que dizimaram a população, a mudança no curso de um rio? Quando uma cidade perde a sua capacidade de manter e atrair pessoas ela deixa de existir. Assim, a palavra manter, abre caminho para a inserção da palavra tempo nesta discussão semiótica, o tempo de permanência das pessoas sobre aquele espaço é o elemento chave para compreender como ele ganhará significado. Em outras palavras é a expectativa de permanecer que gera a força motriz para transformar um espaço



em ambiente qualificado e tal qualificação é a geradora de significados para um grupo. Outro elemento chave é que tal qualificação do espaço que o transforma em ambiente se dá também por processos criativos. Enquanto pesquisávamos os sistemas semióticos urbanos nos deparamos com o termo "cidade criativa UNESCO", ele introduz uma outra discussão que até a presente data se dá muito mais no âmbito da economia do que no da linguagem, mas nem por isso deixa de causar uma inquietação semiótica. Segundo a UNESCO, cidades que alimentam o desenvolvimento de atividades criativas tem maior probabilidade de sobreviver a crises, neste ponto nos perguntamos como uma cidade pode ser espaço de criação em maior ou menor grau? O que faz de uma cidade uma cidade criativa? Tal resposta, ao nosso ver, reside no entendimento da relação entre permanência e liberdade em determinados sistemas semióticos. São esses pontos elencados que constituem a base da pesquisa da nova linha do Programa de Pós Graduação em Design da UnB que esperamos aprofundar no desenvolvimento do presente resumo e discutir na III Jornada de Grupos de Pesquisa em Semiótica.



Um olhar fenomenológico sobre as categorias analíticas da geografia, Estevão Pastori Garbin, Fernando Luiz de Paula Santil
Grupo de estudos de visualização cartográfica e história da cartografia (GAVICH) – UEM

Embora o termo categoria de análise seja comumente empregado nas discussões epistemológicas e metodológicas da Geografia, a reflexão do que seu entendimento implica não é objeto de frequentes debates. O interesse desta pesquisa por este conceito reside em seu papel estruturador e organizador dos estudos do espaço geográfico, que permite ao geógrafo identificar e operacionalizar problemas de pesquisa para a produção de conhecimento.

Como lembra Santos (2012) categorias fundamentais das ciências humanas como o homem, a natureza e relações sociais “estarão sempre presentes como instrumentos de análise, embora a cada período histórico o seu conteúdo mude” (SANTOS, 2012, p. 25). No decorrer da história do pensamento geográfico, é possível observar a dinâmica destas categorias analíticas como fundamentos na compreensão do real, mas com importantes especificidades. Como lembra Claval (2009, p. 37), costuma-se, sob influência de Thomas Kuhn, “conceber a história das ciências como uma sucessão de fases normais e de revoluções. Essas propõem paradigmas que substituem os que prevaleciam até então, mostravam-se incapazes de dar cota de um número crescente de fatos”. Todavia, uma das características marcantes observadas na evolução do pensamento geográfico é a constituição de uma série de pontos de vista diferentes, mas que não se excluem totalmente (CLAVAL, 2009; 2011).

Isso significa que as categorias analíticas da Geografia estabelecem relações entre si e com seus objetos de forma mais



próximas de relações de predominância do que de exclusão, ou seja, quando um grupo de pesquisadores decide direcionar suas investigações a partir de outros paradigmas que não necessariamente excluem os demais. Este é um aspecto compatível com as categorias fenomenológicas desenvolvidas por Peirce (2012).

Esta especificidade da ciência geográfica propicia a formação de um cenário constituído por diversos desafios epistemológicos, como a necessidade de se manter uma coerência na análise que, por vezes, é construída por categorias analíticas que se encontram apenas parcialmente de acordo com um novo paradigma científico (SANTOS, 2012, p. 18).

A identificação de um objeto de estudo sem a correta articulação de categorias de análise não é condição suficiente para a construção de uma síntese, “e ninguém ignora que sem síntese não há ciência” (SANTOS, 2012, p. 149). Em um cenário marcado pela fragmentação e coexistência de paradigmas (SANTOS, 2012), uma categoria de análise pode ter sua coerência comprometida ao estabelecer seu recorte do objeto de pesquisa e na atribuição de sentido.

O debate central deste trabalho propõe consiste no entendimento que a utilização das categorias fenomenológicas da primeiridade, secundidade e terceiridade desenvolvidas por Peirce (2012) permite estabelecer uma coerência para as categorias analíticas da Geografia baseadas nos aspectos que estas ressaltam do espaço geográfico. O propósito destas categorias nesta discussão é demonstrar a possibilidade de privilegiar a predominância fenomênica das categorias analíticas da geografia para, a partir disso, buscar *se* e *como* esta predominância é refletida nos mapas.



A questão do interpretante na investigação de processos de semiose, Isabel Jungk

Grupo de Pesquisa Leituras Avançadas de Peirce – COS-PUCSP

A noção mais elementar desta ciência encontra-se no conceito de signo. Definido como uma estrutura triádica, o signo é formado, primeiramente, por seu fundamento, isto é, o signo em si mesmo, em segundo lugar, pelo objeto sugerido, denotado ou representado, e, por último, pelo interpretante, compreendido como efeito significado do signo. No processo de semiose, em que um signo gera outro signo, seu interpretante, e assim sucessivamente, deve ser dada especial atenção à autonomia do signo. Como um primeiro que aparece à mente, o signo carrega em si o potencial de gerar um interpretante em referência àquele mesmo objeto significado. O conceito de interpretante em Peirce é mais abrangente que o conceito de interpretação que, por sua vez, pode ser entendido como fazendo parte desse processo mais amplo comandado pelo signo.

A consequência mais fundamental da autonomia signica está em que o signo pode gerar seus próprios interpretantes a despeito da ação voluntária de um intérprete, o que se dá em função da precedência lógica da atividade do signo sobre as condições singulares, mesmo psicológicas de um intérprete qualquer, seja ele humano ou não. Certamente, as condições de um dado intérprete devem ser consideradas, porém sempre de maneira subseqüente à consideração das potencialidades do signo. Embora essa abordagem possa parecer algo enigmática à primeira vista, pode-se usar uma analogia para elucidá-la. Como uma semente, um signo está apto a se desenvolver por si mesmo, dependendo, contudo, das condições em que esse desenvolvimento puder se dar. Toda semente



depende, entre outros fatores, do terreno em que for plantada, e sua potencialidade se desenvolverá relativamente às condições mais ou menos adequadas do solo à sua germinação. Esse parece ser um dos aspectos mais interessantes e relevantes da semiótica peirciana para a formação de investigadores dos mais diversos processos de semiose e de sua capacidade analítica e crítica em relação a tais processos.

Para compreender os parâmetros conceituais que caracterizam a atividade do signo pelo prisma peirciano, faz-se necessário atentar para os diferentes níveis pelos quais passa um interpretante no processo de sua geração. Este ocorre numa gradação que vai desde a potencialidade que o signo carrega de ser interpretado, passando pelos interpretantes efetivamente gerados, incluindo as tendências interpretativas do signo que persistem ao longo da semiose. O chamado interpretante imediato é capacidade que o signo tem de gerar determinados tipos de interpretantes. Embora um signo possa gerar uma miríade de interpretantes, estes são de uma determinada natureza, em função do tipo de semiose que esteja a se desenrolar. A partir dessa potencialidade, interpretantes vários poderão se atualizar, se efetivar, e que são denominados interpretantes dinâmicos por Peirce. Estes poderão ser de três tipos, emocionais, energéticos e lógicos, dependendo do tipo de semiose em que estejam envolvidos e do estágio de desenvolvimento desse processo. É neste nível que o papel do intérprete pode ser melhor compreendido, sem deixar de se levar em consideração a tendência que todo signo possui de revelar seu objeto no longo curso da semiose, e que pode ser melhor compreendida à luz do conceito de interpretante final.



Esta comunicação destina-se a abordar esses níveis detalhadamente, apontando para a relevância de seu estudo que pode, ainda hoje, ampliar e enriquecer os horizontes da aplicação da teoria semiótica como método de análise de diversos tipos de semiose e seus problemas específicos.



Realidade virtual: um ensaio sócio-semio-técnico, Eduardo Zilles Borba, Marcelo Zuffo

Grupo de Pesquisa, Meios Eletrônicos Interativos – Centro Interdisciplinar em Tecnologias Interativas (CITI) – USP

Os estudos das interfaces de Realidade Virtual (RV) sempre estiveram mais ligados às Ciências Exatas do que às Humanas. Por tradição, as engenharias Eletrônica, Elétrica e Informática e, também, a Matemática foram as áreas do conhecimento que abrigaram as principais pesquisas relacionadas a esta tecnologia avançada de interação humano-máquina. De fato, isto pode ser justificado com certa facilidade, uma vez que as a grande maioria das abordagens científicas e tecnológicas à RV se concentraram, na sua grande maioria, em questões técnicas: a computação gráfica, os aparelhos de visualização estereoscópica, o tempo de latência das simulações, o processamento 3D em tempo real, a integração de dispositivos de mecatrônica e por aí fora. Por outro lado, é inegável que nestes últimos cinco anos, estamos presenciando um fenômeno de popularização acerca do conhecimento da existência desta tecnologia (Graft, 2014). Caso para dizer que, mesmo que as pessoas ainda não tenham dispositivos de RV para uso doméstico ou laboral, muitas delas já sabem do que se trata e, até mesmo, já viram vídeos de outras pessoas utilizando óculos de RV para explorar simulações de espaços reais ou fictícios (Accioly, 2010). De fato, este fenômeno de midiaticização da RV tem gerado discussões pertinentes sobre a sua aplicação, utilidade e importância como (nova) plataforma de comunicação para a sociedade. Afinal, estamos falando de um ambiente comunicacional que atua de forma multissensorial, enganando nosso sistema perceptivo – ao ponto de sentirmo-nos realmente inseridos no contexto virtual



(Kerckhove, 1995). Isto é, não se tratam unicamente de estímulos psicológicos produzidos pela tecno-interação entre usuário e espaços metafóricos da realidade como um website (penso, logo existo no virtual); mas sim de estímulos multissensoriais semelhantes àqueles que sentimos no mundo real e, por causa disto, geram uma sensação profunda, conflituosa e plausível de que nosso corpo inteiro habita determinado cenário artificial (sinto, logo existo no virtual) (Zilles Borba e Zuffo, 2015). Ora, isto tudo nos indica que, mais do que pensar a performance técnica do equipamento, tornou-se urgente olhar para os possíveis impactos e alterações comportamentais intrínsecos às relações do usuário com as interfaces de RV (Sodré, 2014). Nos próximos anos, comunicólogos, sociólogos, antropólogos, filósofos e psicólogos têm a missão de debruçarem-se sobre a temática, a fim de refletirem sobre as consequências destas relações, intersecções e apropriações do usuário com a RV sob a óptica das Ciências Humanas. Nunca foram tão evidentes as premissas de McLuhan (1964), de que os meios de comunicação são extensões do humano e, também, de que o indivíduo molda as ferramentas para depois elas moldarem-no. “Estamos assistindo uma disseminação das tecno-interações na vida social”, (Sodré, 2001, p.3). O mesmo autor, explica que estas relações se desenrolam numa nova ambiência, um bios virtual, o qual estabelece uma nova ordem para o entendimento que temos da realidade. Afinal, tudo o que se realiza ali é real, mas não na mesma ordem de realidade das coisas físicas. Exposto este pensamento justificamos que no ensaio temos, justamente, o intuito de lançar um pensamento acerca dos impactos da RV na sociedade sob a perspectiva do comunicólogo. Ou seja, se inicialmente os pilares científicos desta disciplina estavam diretamente vinculados à técnica – Sutherland (1968), Feiner et al. (1999) e Brooks(1999), na atualidade este debate ganha proporções



sociais e semióticas, portanto socio-semio-técnicas. Como ocorre (e ocorreu) com todas as mídias na sociedade, o seu uso gera consequências no comportamento, organização e comunicação da sociedade – o meio é a mensagem (McLuhan, 1964). Dito isto, este ensaio mostra-se como uma discussão teórico-exploratória que pretende evidenciar o carácter interdisciplinar da RV, lançando a hipótese de que as relações e intersecções entre dispositivos, processos sociais e comunicacionais existentes na agência usuário-realidade virtual podem ser estudadas através de uma social (Baudrillard, 1994; Kerkchove, 1995, Latour, 2012; Sodré, 2014), semiótica (Santaella, 2002; Accioly, 2010; Zilles Borba e Zuffo, 2016) e técnicas (Benjamin, 1983; Burdea, 2003; Nagy e Neff, 2015).
Palavras-chave: Cibercultura, Realidade Virtual, Imersão, Semiótica, Mdiatiza o



Resíduos sólidos e interpretantes, Larissa Chaline Lopes-Lima,
Patrícia de Oliveira Rosa-Silva
Grupo de Pesquisa Semiótica em Educação Ambiental – UEL

Ao refletir sobre problemas ambientais enfrentados na atualidade, um dos apontamentos feitos pelos ambientalistas são os resíduos sólidos (RS), e a necessidade de debates sobre o assunto pode ser promovido mediante a Educação Ambiental (EA) (LAYRARGUES, 2011), para despertar ações de enfrentamentos sobre esse problema. A EA procura construir sociedades sustentáveis e justas, desde a criação da Lei nº 9.795/99 (MEC, 2012, Art. 12), porque estimula a consciência crítica em prol da mobilização social e política na dimensão socioambiental (MEC, 2012, Art. 13, III). Este trabalho, em construção, é parte integrante do Projeto de Pesquisa desenvolvido pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) chamado *A alfabetização visual para a mitigação de danos ambientais provocados pela geração de Resíduos Sólidos Urbanos: refletindo sobre o assunto com escolares do Ensino Médio*. O Projeto, de cunho qualitativo, contou com 14 horas de preparação de seus pesquisadores e colaboradores, foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UEL, pelo parecer n. 052/2014, com registro no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) sob o n. 30492614.6.0000.5231. Por meio dele, a universidade levou à discussão dos RS, seus dilemas, enfrentamentos, entre outros encontrados na coletividade, a dez estudantes, todos maiores de 18 anos, do Curso Técnico em Meio Ambiente de um colégio estadual de Londrina-PR, uma vez que a escola, como organização, é um ambiente social para promoção de conhecimentos, habilidades e socialização moral (BIDWELL, 1965, *tradução nossa*), que também se compreende ser: viver e pensar em sociedade. Os estudantes



receberam informações e esclarecimentos sobre a pesquisa, seus objetivos e suas metas, para, assim, assinarem, em duas vias, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e de Consentimento de Uso de Banco de Dados. Aos estudantes foram atribuídos o papel de intérpretes, ao participarem das 24 horas da Unidade Didática promovida pela Alfabetização Visual, que utilizou textos e imagens embasados nos fatores sociais e ambientais dos RS. Layrargues (2011) assinala o predomínio do Discurso Ecológico Oficial (DEO) na sociedade brasileira, na qual se aponta a reciclagem como uma das principais respostas aos problemas dos RS. Mesmo a reciclagem sendo necessária ao processo de destinação dos RS e importante na esfera social, ela não é a única forma de tratamento adequada dos RS. E pelo seu discurso estar tão presente em nossa mente, como uma espécie de símbolo peirciano regido por leis (PEIRCE, 2008), não permite a nós refletirmos sobre os nossos próprios hábitos e atitudes a respeito da produção e destinação dos RS. A semiótica é útil em contextos sociais e culturais, pois conforme Mingers e Willcocks (2016, p. 17 *tradução nossa*), ela apresenta capacidade de relevar as estruturas sociais e culturais implícitas na composição das coisas. A cultura dos 3Rs na ordem da Redução, Reutilização e Reciclagem assimilada ao Discurso Ecológico Alternativo (DEA) (LAYRARGUES, 2011), às orientações do *caput* do Art. 9º da Lei 12.305/2010 "não geração, redução, reutilização, reciclagem, tratamento dos resíduos sólidos e disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos" (BRASIL, 2010), e às ponderações presentes no Inciso XIII do Art. 3º da referida lei, que trata sobre formas sustentáveis de produção e consumo a atender as necessidades humanas e melhorar a qualidade de vida atual sem prejuízo ao futuro (BRASIL, 2010), permite ampliar as informações proporcionadas pela EA sobre os resíduos, e assim, possibilita novas semioses, com novos interpretantes a respeito do assunto e, talvez,



até promova diferentes atitudes. Dessa forma, a perspectiva da semiótica de Peirce estuda o conhecimento por meio dos signos (SANTAELLA, 1995), sendo a cognição algo fundamental neste processo semiótico (NÖTH, 2005). Tenta-se compreender os signos dos RS e seus significados, externalizados por estudantes, para buscar novos interpretantes a seu respeito. Das 16 representações imagéticas e seus respectivos diálogos, suscitados pelos dez estudantes, em cinco delas pretende-se utilizar a matriz analítica da Teoria dos Interpretantes da Semiótica de Peirce, com seus interpretantes lógico, emocional e energético, cujo embasamento analítico encontra-se também nos estudos de Rosa-Silva (2013) e Rosa-Silva e Laburú (2015). Conforme análise parcial realizada nos títulos das imagens: 1-"Não geração de resíduos sólidos e lixo"; 2-"Não ao consumo exacerbado"; 3-"De que lado você está?"; 4-"Vamos! Colocar estas ideias para circularem!"; 5-"Redução do consumo - Aprove essa ideia", há interpretantes lógicos antecedentes aos argumentos dos diálogos. Os títulos, exceto o terceiro, possuem caráter prescritivo. O interpretante lógico, nos títulos um e dois, provoca reflexão, convidando o leitor à recusa da geração de RS. No título três, o estudante, ao fazer alusão ao símbolo Yin Yang, realiza pergunta a instigar posicionamento. No quatro, o verbo no modo imperativo (colocar) estimula a ação. E no cinco, o verbo no infinitivo (Aprove...) propõe adesão à redução do consumo. Quanto à análise das demais representações, estas estão a cargo de outro pesquisador participante do projeto.



As semioses dos paratextos: os filmes que o cinema não viu,

Patrícia de Oliveira Iuva

Departamento de Artes - UFSC

O cinema enquanto arte e meio de criação/exploração do mundo nos é dado a ver através de inúmeros produtos audiovisuais, desde o próprio filme, até *trailers*, spots televisivos, entrevistas, cenas excluídas, bastidores, *making of*, etc. Observa-se que as condições contemporâneas do audiovisual se mostram contaminadas por um modelo estético e tecnológico, que não se restringe ao espaço da sala de cinema, mas que alcança um espaço ilimitado. Inseridos neste contexto, senão provenientes do mesmo, estão os produtos extrafílmicos^[1], compreendidos por alguns autores como *paratextos*. Jonathan Gray (2010) elabora uma reflexão dos extrafílmicos partindo da matriz teórica de Gerard Genette. Na acepção de Genette, os paratextos seriam “textos que nos preparam para outros textos” (GENNETE apud GRAY, 2010, p. 542). Ou seja, estes produtos extrafílmicos são compreendidos enquanto textos que circundam o filme e orientam uma dada leitura do mesmo. Gray salienta que para compreender o que os textos culturais significam é necessário examinar os paratextos. Para isso, ele empenha um estudo voltado para a análise dos sentidos dos textos que são criados pelos paratextos (GRAY, 2010).

A pesquisa de Jonathan Gray dialoga com a proposta deste trabalho, pois tenho como intenção debruçar-me sobre os estudos dos paratextos, mais especificamente trailers e making ofs, no que diz respeito aos movimentos de semiose que os mesmos operam quando em relação com o filme. Entendo que os trailers e os making ofs coexistem em uma *relação dialógica* (BAKHTIN, 2010) com os filmes aos quais se referem, ou seja, pressupõe-se uma semiose que



os modifica e lhes atribui novos significados. Essa natureza relacional dos trailers e dos making ofs com os filmes nos remete ao conceito de dialogismo proposto por Bakhtin, de modo que a reflexão recairá sobre o modo de constituição dos sistemas de linguagem dos paratextos para, posteriormente, desvelar o funcionamento dialético entre eles e o filme.

O trabalho que proponho refere-se a um movimento inicial de retomada dos estudos semióticos que apontam a noção de texto[2] enquanto uma tessitura de escrituras múltiplas, oriundas de processos externos e internos da linguagem, que entram em diálogo uns com os outros, constituindo-se assim, num objeto da cultura. Nessa perspectiva, busco um reencontro com dois objetos de pesquisa que fundamentaram minha trajetória acadêmica durante o mestrado e o doutorado: os trailers[3] e os making ofs[4], na condição de paratextos. Observo que as inquietações provenientes da minha relação com estes objetos são da ordem de uma busca de compreensão da linguagem, e que para isso o centro de interlocução se encontra no texto e no jogo semiótico que o mesmo articula quando analisado sob a perspectiva das relações dialógicas. Não se trata apenas de demonstrar que os paratextos audiovisuais ressignificam o texto fílmico ao qual se associam, mas apreender os sistemas de linguagem que constituem essas relações e desvelar os agenciamentos de ordem mnemônica e reflexiva da produção cinematográfica contemporânea.

Nesse sentido, é possível dizer que a potência reflexiva das imagens que constituem os trailers e making ofs produzem formulações e regimes de significação que se concretizam/surgem a partir das relações dialógicas entre trailer-filme e o making of-filme. Imagens de diferentes origens são *aproximadas* entre si através da



montagem, no entanto, ao mesmo tempo, operam um *distanciamento crítico* no sentido reflexivo. Vale ressaltar, que a origem dessas imagens não se dá a conhecer como fonte ou gênese, mas “como um turbilhão que revela, por um lado, o reconhecimento de uma restituição, ou restauração; e, por outro, acusa algo que, em si, está sempre inacabado e por finalizar” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p.171). Ora, os trailers e *making ofs* operam imagens de diferentes ordens, seja da restituição de um dado filme, que, no entanto, ali está sempre inacabado, seja da sua própria existência, cuja marca principal é sua abertura temporal por se tratar de um tempo da memória. O desafio que se apresenta a esta pesquisa é o exercício de: (1) deciframento do sistema de linguagem dos paratextos; (2) análise das semioses dialógicas dos paratextos com o texto fílmico; (3) leitura das imagens dos trailers e makings ofs na constituição de uma tessitura de linhas temporais diversas, que se inscrevem com a potência de manifestar condições históricas de outro cinema, que já não encontra no filme, necessariamente, seu correspondente.

[1] Compreendemos como extrafílmicos os *trailers*, *making ofs*, entrevistas, *spots* televisivos, cenas deletadas, cenas de bastidores, diários de gravação, *websites*, *comics*, livros, *games*, *posters*, produções de fãs, *spin offs*, conteúdos promocionais, comentários em áudio, etc.

[2] BARTHES, 2004; BAKHTIN, 2010; DE BARROS, 2011.

[3] Na dissertação intitulada “A reinvenção do trailer como experiência audiovisual autônoma” tracei um percurso semiótico que propôs um movimento de desconstrução do caráter hegemônico publicitário do trailer, considerando suas potencialidades a fim de observá-lo em manifestações e expressões minoritárias.

[4] Na tese de doutorado intitulada “Encontros possíveis: as relações de autoria entre instância diretivas no campo do making of” a trajetória da pesquisa se afastou das discussões semióticas, tendo como foco questões que colocavam em cena o sujeito e suas relações de articulação dos textos no nível da autoria.



Semiótica crítica: micropolíticas da comunicação, Alexandre Rocha da Silva, André Corrêa da Silva de Araujo, Cássio de Borba Lucas, Guilherme Gonçalves da Luz, Luis Felipe Abreu e Mário Arruda
Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC) – UFRGS

Este trabalho visa à apresentação de um conjunto de problemáticas suscitadas a partir da pesquisa *Micropolíticas Pós-Humanas da Comunicação*, que diz respeito à segunda fase de uma pesquisa ampliada denominada *Semiótica Crítica: materialidades, micropolíticas e acontecimento*, vinculada ao diretório do CNPQ Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC) e ao Programa de Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). As discussões que serão aqui expostas têm como base o estudo semiótico das micropolíticas e seus modos de contribuição para os problemas contemporâneos da comunicação. Os estudos referentes às variáveis humanas e não-humanas na produção de sentido (Latour); às críticas ao humanismo (Badiou); à programação pós-histórica (Flusser); aos regimes de dizibilidade e de visibilidade (Foucault); à política das multidões (Negri e Hardt); às modalidades de desterritorialização e de reterritorialização (Deleuze e Guattari); às semióticas pré-significantes, significantes, contra-significantes e pós-significantes (Lazzarato); às teorias queer e pós-feministas relativas aos movimentos LGBT (Butler; Preciado; Louro) são os pontos integrantes desta etapa da pesquisa que deve limitar-se, neste espaço, a oferecer uma reflexão propriamente semiótica para o problema das micropolíticas da comunicação. Deste modo, nosso desafio é pensar micropoliticamente uma produção de aparelhos (no sentido flusseriano) que programam nossa existência e nos transformam em funcionários de uma comunicação cujo fazer ético,



estético e político permanece em disputa, em uma disputa cujos avanços e retrocessos podem ser avaliados nas práticas de uma comunicação em tempo presente. Félix Guattari, em *A revolução molecular* (1981), realiza uma reflexão crítica acerca dos modos como, na tradição, se dissocia aquilo que é da ordem do sujeito individualizado (família, amor, etc) daquilo que é da ordem de grandes organizações (partidos, empresas, etc). Para o autor, nossa história teria produzido um corte entre o sujeito individual e o social, em que as pulsões de desejo ficaram circunscritas à sua atuação em espaços privados. Ao contrário desta perspectiva, Guattari defende a tese de que as relações mantidas no espaço privado, suas pulsões inconscientes, são necessariamente refletidas no social, e vice-versa. Ou seja, a participação de uma organização hierarquizada, como um partido, por exemplo, irá se refletir nos modos de relação com a família; ou um tipo de relação pessoal desterritorializada irá necessariamente forçar desterritorializações também nas organizações mais fixas e institucionalizadas. Não há, portanto, uma diferença ontológica entre o que se compreende como Macropolítica (das instituições) e uma Micropolítica (do privado). Dentro desta perspectiva, as noções de agenciamento coletivo de enunciação e maquínico do desejo tornam-se centrais, pois cada agenciamento coletivo de enunciação pressupõe a existência de um modo de expressão correlato, que articula, em diferentes enunciados, o seu modo de efetuação; e cada agenciamento do desejo articula corpos que, em face do acontecimento, se transformam. Sob os dois agenciamentos, atua uma máquina abstrata cujas regras de funcionamento caberia à semiótica crítica descrever. É preciso, entretanto, que atentemos ao fato de que esta máquina abstrata não preexiste aos agenciamentos que realiza; ao contrário, ela só é possível materialmente em função desses próprios agenciamentos, eis um dos sentidos da pragmática



aqui defendida. Para os autores, os diferentes estratos que compõem um dado campo social são imanentes ao enunciado, por isso uma abordagem semiótica micropolítica se torna necessária, pois ela leva em conta não apenas as questões linguísticas em si, mas a própria constituição política que possibilita a sua emergência, além dos fluxos que contribuem para sua efetuação. Entram no jogo simultaneamente o social e o individual, pois ambos estão no cerne da constituição do agenciamento. É sob tal perspectiva que Deleuze e Guattari (1995b) afirmam a indissociabilidade da macro e da micropolítica de seus agenciamentos semióticos moleculares e molares. O molecular seria a instância mais instável, desterritorializada, de um dado enunciado, aquilo que é da ordem do desejo ou do acontecimento puro. Já o molar seria da ordem da institucionalização, da reterritorialização. Entretanto, é importante salientar: esse par não é binário ou de oposição, tal como pensado na tradição dos modelos dicotômicos. Molar e molecular, ao contrário, estabelecem entre si uma diferença ontológica e se sobrepõem continuamente um ao outro na semiose. Cabe, portanto, à Semiótica Crítica identificar os agenciamentos em sua relação com instâncias de molaridade e molecularidade e compreender o modo como operam politicamente. Assim, a Semiótica Crítica, conforme estamos propondo, teria por desafio pensar a linguagem antes como uma questão de política que de linguística; especificamente porque ao descrever a máquina abstrata que engendra (e é engendada por) agenciamentos maquínicos do desejo e coletivos de enunciação, no eixo sintagmático, e processos de desterritorialização e de reterritorialização, no eixo paradigmático, ela propõe um deslocamento da substância em direção à matéria e da forma em direção à força. Matéria e força, que foram relegadas pela semiótica estruturalista, retornam na Semiótica Crítica como desafios para



que se pense a linguagem do tempo presente e suas ações micropolíticas.



Semiótica discursiva e educação: exercício prático para a discussão das coerções do texto, Edison Gomes Junior, Elizabeth Harkot de La Taille
Letras-USP

O objetivo da comunicação é o de apresentar uma sequência didática desenvolvida para uma aula do curso preparatório para o IELTS, coordenado pela AUCANI (Agência de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional da USP). A aula foi criada para, a partir de um texto audiovisual e das teorias da semiótica discursiva francesa, discutir as estratégias de coerção textual e a ideia de monossemia e polissemia. A discussão apoia-se na observação de estratégias de sentido fabricadas pelo enunciador, e encoraja exercícios lúdicos de compreensão textual e alfabetização audiovisual através de uma das linhas epistemológicas da semiótica. A partir de uma lista de adjetivos e substantivos que expressam diferentes emoções, e da exibição dos primeiros minutos de um filme norte-americano, os alunos foram convidados a escolher doze palavras que melhor descrevessem a emoção do trecho apresentado. As escolhas foram comparadas e discutidas. Trabalhou-se com a hipótese de que, devido ao compartilhamento, entre enunciador e enunciatário, de valores estéticos e mitopoéticos difundidos socialmente, preservados e reapresentados pela linguagem oral e visual, palavras de um mesmo campo semântico seriam selecionadas com maior frequência.



Semióticas e semiologias: obstáculos epistemológicos de uma relação, Rodrigo Marcelino

PPG em Linguística Aplicada-UFRJ

A primeira parte desse trabalho trata da relação entre semiótica (comunicação) e semiologia (linguística) e da sua possível aplicação aos estudos da imagem. Para isso, buscamos a história de um linguista que passou pelos conhecidos círculos linguísticos do século XX, Roman Jakobson. Ele é uma figura que não nos permite entrever na história um espaço que separa uma leitura da semiologia de Saussure de uma semiótica de Peirce. Para contextualizar esse problema da relação dos estudos linguísticos de base semiológica e os estudos de comunicação de base semiótica a partir da trajetória de Jakobson, é preciso nos remeter ao problema que nos foi colocado durante um curso de fotografia no mestrado de Comunicação. A hipótese geral do curso considerava ser possível estudar o fotográfico através da aplicação da teoria semiótica de Peirce. Uma iniciativa cercada de menções à fotografia proferidas por Peirce para ilustrar uma semiótica indicial. Nessa parte do curso, que abrangia outras questões, essa atitude implicava diferenciar duas tradições de estudos dos signos. A primeira seria de linha semiótica que vinha sendo amplamente usada desde a formação dos estudos de Comunicação. A segunda tradição, advinda da Semiologia, seria um estudo da Linguística que teria um projeto distinto da Semiótica. Se a história demonstra que esses dois grandes estudos do signo são distintos, é possível demonstrar que, por meio dessa mesma história, existe uma convergência desses projetos em outro momento de seu percurso. Essas duas abordagens de estudo dos signos se cruzam, no estrangeiro, com Jakobson (1965) e, no Brasil, com Milton José Pinto (1937-2011). Os círculos linguísticos



que se desenvolveram na Europa possuem em Jakobson um elo que os liga. Todos os círculos, Moscou, Praga, Copenhague, que foram sede de uma leitura constante de Saussure, tiveram a presença de Jakobson. Sua formação era semiológica até chegar, por motivos de perseguição, aos Estados Unidos, cuja cultura lhe apresentou um mestre dos estudos dos signos que ele desconhecia. Esse encontro culminou, notadamente, na relação da semiótica e da semiologia, como podemos perceber na conferência na Universidade de Indiana de 1952, onde ela disse que Peirce seria o verdadeiro precursor da linguística estrutural (JAKOBSON, 1953). A relação entre semiótica e semiologia não está apenas formalizada na palavra de um medalhão do estruturalismo linguístico europeu. Em sua tese de doutoramento Milton José Pinto, vindo de uma abordagem de estudo voltada para a semântica das línguas naturais, desenvolveu uma leitura da relação da semiótica e da semiologia. Além das diferenças de ordem histórica, Pinto encontra a diferença de caráter metafísico desses dois projetos que, por sua vez, obliteraria sua relação. Todavia, desenvolve uma leitura que os toma como equivalentes e complementares. Isso acontece por meio da noção de semiose infinita de Peirce, na qual um signo se dirige a outro signo designado em relação aos outros signos. E da teoria de Saussure que ressalta a faculdade de associação e coordenação da língua enquanto sistema de equivalências entre coisas de ordem diferente. Noção de valor do signo em Saussure, definido por aquilo que ele não é. Em suma, o conjunto representamen-interpretantes de Peirce tem papel idêntico ao significante de Saussure (PINTO, 1977, p.65). Em seguida, passamos para outro obstáculo da relação entre semiótica e semiologia, que recai sob o postulado da tradução de todo regime de signos pela linguagem. O presente estudo desloca o problema da relação de tradução dos regimes de signos pela linguagem (MUKAROVKY, 1936), (HJELMLEV, 1961), (BARTHES,



1964) etc., para o problema de quando se pode falar de repercussão, processo de envolvimento e implicação de signos diferentes – em uma prática histórica que assegura essa comunicação apesar de tudo casual. Reconhece-se, tendo em vista o deslocamento da questão e a leitura de Jakobson e Pinto, senão uma pragmaticismo que toma o signo dinâmico na experiência, relação do signo com o interpretante, em perpétuo movimento na história (OLIVEIRA JR, 2011). Assim, a relação entre a semiótica e a semiologia pode começar a estabelecer alguns dos seus fundamentos em prol não de uma teoria geral dos signos analisando a representação, mas de uma pragmática que apresenta o signo como pura técnica que recebe sua legitimação de uma codificação significativa. A evocação da pragmática é o reconhecimento do signo na história, porque o uso de fotografias e legendas tem estatuto em uma historicidade. Em nosso estudo nos debruçamos sobre um acontecimento de imprensa. Ele é um conjunto de séries de fotografias acompanhadas de legendas. O problema de uma repercussão entre regimes de signos diferentes e não de sua tradução se apresenta a partir da prática histórica das fotografias de imprensa, contudo, não se reduz a ela. Finalmente, a análise tem em vista a incerteza que esta prática histórica não passaria apenas entre legenda e fotografia, mas também em outro grau, transitaria com pés ligeiros entre formações de enunciado e regimes de signo (MARCELINO, 2013).



Teorias semióticas e semiótica da música: algumas contribuições teórico-metodológicas, Rodolfo Coelho de Souza, Heloísa de A. Duarte Valente, Juliano Oliveira, Yuri BehrKimizuka
Musimid – UNIP

Esta proposta coletiva de trabalho reúne quatro pesquisadores em semiótica musical, cada um deles se utilizando de um referencial teórico preferencial, com resultados bem sucedidos. Não se trata, necessariamente, de exemplos da adoção de autores consagrados no âmbito da semiótica geral. Alguns deles, aliás, tampouco costumam ser enquadrados como semioticistas. Não obstante, suas contribuições teórico-metodológicas revelam-se prolíficas para os estudos da linguagem musical e suas interfaces.

Rodolfo Coelho de Souza propõe-se a revisitar os estudos de Narratividade em Música, a partir da abordagem greimasiana de Tarasti. No livro *A Theory of Musical Semiotics*, Tarasti propõe uma análise exemplar de Chopin que aplica o conceito de agentes para identificar significados de narratividade intrínseca, independentes de um programa extrínseco. Pretende-se aqui estender esse método, incorporando a proposição de Lacan do "inconsciente estruturado como linguagem" para identificar no discurso de um *Noturno* de Chopin a representação de pulsões inconscientes.

Heloísa de A. Duarte Valente: há vários anos vem adotando vários conceitos seminais de Paul Zumthor, especialmente no estudo da voz cantada e na canção midiática, tais como os vocalidade, performance, nomadismo, movência para o desenvolvimento de seus projetos de pesquisa. Contribuem, de maneira substantiva e subsidiária, as teorias semióticas da cultura e da mídia (Baitello, Pross, Lotman, Romano), além de estudiosos no campo da sonologia (Delalande, Chion, Iazzetta, Schafer), dentre



outros. Para esta Jornada, a pesquisadora tomará, como estudo de caso, a canção *Parole* (L. Chiosso/ G. Del Re/ G. Ferrio, 1972), em diversas formas performáticas e apropriações.

Juliano Oliveira: pesquisa música eletroacústica e significação na música de cinema. Como proposta para esta Jornada, pretende-se demonstrar como a música pode contribuir para a semântica fílmica e, por conseguinte, para a construção do imaginário cinematográfico por meio de sua vocação à referencialidade. Para tal, serão utilizados exemplos em formato audiovisual, limitando-se, contudo, a obras delimitadas a gêneros cinematográficos específicos. A pesquisa adota como bibliografia fundamental estudos em *mass media* realizados por Philip Tagg que serão, por sua vez, coadunados à ideia de tópica musical - tal como desenvolvida por uma linha particular da musicologia norte-americana, tendo à frente Ratner, Agawu e Hatten.

Yuri BehrKimizuka apresenta as contribuições de Gilles Deleuze. O pensamento do filósofo possui muitos desdobramentos epistemológicos, dentre os quais se destaca a relação entre a filosofia e as artes no século XXI. É explícita a incursão de Deleuze no campo da música ao tratar de conceitos como *ritornelo*, e *devir música*. Abordar a semiótica musical através da ótica deleuziana permite adentrar a um mundo de signos, e suas relações, que se transformam à medida que são desterritorializados. O que se propõe, nesse trabalho, é mostrar como relacionar as teorias de semiótica, o pensamento de Deleuze, e a música. Como estudo de caso, tomará trechos da obra *Makrokosmos vol. I* de George Crumb.



Territorialidades semióticas: a guerra de sentidos em redes digitais, Ronaldo Henn

Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento – UNISINOS

O trabalho propõe-se a pensar, a partir da elaboração metodológica designada como Análise da Construção de Sentidos em Redes Digitais, as configurações de controversa e de disputa de sentidos, que se espalham nos sites de redes sociais, como formadores de territorialidades semióticas (compreendidas com base no conceito de semiosfera, de Iuri Lotman, 1996), em cujas fronteiras emergem dinâmicas constituintes de ciberacontecimentos. Postula-se que esse fenômeno dispara processos no ambiente sócio/político/cultural contemporâneo, em que territórios simbólicos delimitam-se, permeiam-se e conflagram-se, oriundos das suas ocorrências. De inspiração cartográfica (no sentido de Rolnik, 1989), a metodologia ancora-se no conceito de semiose, de C. S. Peirce (2002), que permite compreender a ação dos signos e a própria constituição de sentidos, a partir de dinâmicas auto-organizacionais de geração de interpretantes. Nas conversações/conexões em rede e suas interfaces, há dinâmicas intra-processuais de geração e apropriação de sentidos em que DNAs semióticos instituem-se e transmutam-se. As constelações que se formam, muito pensadas a partir dos movimentos metodológicos de Walter Benjamin (2006) nas Passagens, possuem dimensões temporais complexas, de diferentes temporalidades, sincrônicas e diacrônicas, que se atualizam em pontos sincrônicos detectáveis. Em casos analisados no Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento (LIC/Unisinos), tendo como foco acontecimentos deflagrados por questões de gênero, constatou-se que, contrapondo-se à visibilidade que essas temáticas atingiram,



assim como o desencadeamento de significativas mobilizações em rede, adensaram-se, também, uma rede discursiva de negação da diversidade. Territórios em rede são instituídos, atravessados por semioses complexas que se contorcem nas tensões entre permeabilidade e fechamento, semioticidades retrógradas e libertárias.



A tradução intersemiótica enquanto transcrição: um exemplo em Godard, Mariana Outeiro da Silveira

Grupo de Pesquisa Palavra e Imagem em Pensamento – COS-PUCSP

A tradução intersemiótica tem-se inserido como sofisticado método para se pensar a transposição da mensagem verbal para a mensagem visual. Tendo por base a definição de tradução intersemiótica de Roman Jakobson e o decorrente estudo de Júlio Plaza acerca do assunto, podemos pensar que este tipo de tradução contempla uma análise sistematizada da obra, além de permear os conceitos elaborados por Charles Sanders Peirce no que concerne às noções de ícone, índice e símbolo nas representações dos signos, reiterando a ideia de que todo pensamento é uma tradução, de acordo com Plaza. A metodologia da tradução intersemiótica permite a formação de uma estrutura de interpretação e compreensão das obras, além de ampliar uma reflexão sobre a maneira com que os elementos escolhidos pelos artistas se transmutam para a linguagem visual, tendo por objeto de estudo o resultado final das obras. Como meio para se exemplificar uma possível tradução intersemiótica de uma obra, o filme *Prénom Carmen* (1983), de Jean-Luc Godard, incorpora diversos níveis de representação e interpretação do mito “Carmen” uma vez que dialoga com a ópera do compositor francês Georges Bizet, primeiramente encenada em 1875. Bizet, por sua vez, baseou-se na novela do escritor francês Prosper Mérimée, obra publicada em 1845. Logo, pensar em como estas versões de Carmen permeiam o filme de Godard implica inferir que os processos tradutórios no nível intersemiótico revelam-se como transcrições que envolvem os sentidos dos signos em seus aspectos temporais, ao invés de



considerá-los como parte de uma concisa transmissão verbovisual. É importante investigar os fatores que envolvem o filme de Godard além da concepção da narrativa desta personagem, uma vez que esta obra faz parte da conhecida “trilogia do sublime” juntamente com *Passión* (1982) e *Jevoussalut Marie* (1985), obras que incorporam a pintura como parte incandescente da narrativa cinematográfica, inaugurando o “maneirismo” cinematográfico. Podemos concluir que a criação artística de Godard explora diversos dispositivos que, materializados enquanto signos traduzíveis, acabam por transcender os limites de uma sistematização da tradução intersemiótica de caráter icônico, indicial ou simbólico, expandindo a concepção de tradução não apenas como um modelo de pensamento, mas como exemplo de peculiaridade de criação artística, fomentando discussão sobre a tradução intersemiótica enquanto um dos meios de transcrição.



Transdução, criatividade e audiodescrição, Julio Pinto, Flávia Mayer Grupo de Pesquisa Poéticas Audiovisuais, PUC-MG

Partindo da perspectiva de que o ser humano é capaz de dinamicamente configurar-se e reconfigurar-se ao interagir com seu ambiente, a presente pesquisa investiga a capacidade do organismo humano de criativamente construir cenários mentais e metaforicamente corporificar experiências por meio dos signos. Mais especificamente, tendo em vista os sujeitos da pesquisa, busca entender de que maneira pessoas com cegueira congênita auto-organizam-se na construção e referência de cenários cognitivos que envolvem cores.

Ao longo de nossas pesquisas no campo da semiótica aplicada à audiodescrição, foi possível perceber o quão expressivo é o estigma em torno das pessoas com deficiência visual. As barreiras sociais, o forte preconceito sobre essa parcela da população e, principalmente, a falta de informação em torno de suas próprias potencialidades acaba por influenciar não só a representação social das pessoas com deficiência visual, como também afeta a própria percepção que elas têm de si e de suas habilidades. Esse contexto acaba, de certa maneira, impactando a atividade de audiodescrição, já que tanto o audiodescritor quanto o consultor com deficiência visual podem se deixar influenciar por tais pensamentos, comprometendo a potencialidade do roteiro de AD. Sendo a audiodescrição um campo amplo de atuação, iremos também descrever e a caracterizar algumas de suas possibilidades para, então, caracterizar bases importantes para sua prática e investigação no campo dos estudos semióticos.

Defendendo que pessoas com cegueira congênita discriminam suas vivências que envolvem cores a partir de operações de *qualia*, ou seja, a partir de uma “sensação de



consciência” sobre cor, apresentaremos uma experiência empírica realizada junto a um grupo de participantes com cegueira congênita em visita a um museu. Com base na riqueza e na complexidade dos dados coletados ao longo destas atividades, foi possível desenvolver uma análise que ratifica a hipótese de que mesmo pessoas com cegueira congênita são capazes de construir cenários cognitivos envolvendo cores e significar suas experiências tendo em vista esses cenários.

A presente pesquisa visa, pois, problematizar como a audiodescrição pode potencializar o processo de significação (criativo) de pessoas com deficiência visual, sendo esta uma importante prática de combate ao estigma social. Tal abordagem mostra-se fundamental no desenvolvimento de uma audiodescrição estruturada a partir das potencialidades das pessoas com deficiência visual e que de fato propicie a estes sujeitos vivenciar ricas experiências envolvendo imagens visuais.



Via(da)gens no Vale dos Homossexuais: territorialidades semióticas em redes digitais, Christian Gonzatti

Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento - UNISINOS

A expressão Vale dos Homossexuais é recorrente em grupos e páginas LGBTQ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, *Queer*), estando quase sempre articulada ao pop, incluindo webcelebridades como Inês Brasil - uma mulher que se tornou famosa ao ter um vídeo de inscrição no Big Brother Brasil espalhado pelos sites de redes sociais. Pode parecer que o termo aciona somente signos humorísticos, mas a origem da palavra vem do vídeo de uma pastora evangélica que dizia ter ido e voltado ao inferno quinze vezes, local em que havia um Vale dos Homossexuais, com gays e lésbicas ardendo no enxofre pelo pecado da homossexualidade²³. A partir do espalhamento, o Vale foi ressignificado por expressões de si que rompem com a hegemonia: transformou-se em um cenário subversivo de algumas práticas heteronormativas e passou a significar um grupo de pessoas espalhadas em páginas e fóruns pela internet que, conjuntamente, desenvolvem linguagens que fazem pensar no que é invocado pela teoria queer (LOURO, 2013).

Tendo em vista que “[...] a comunicação on-line cria uma trilha textual das conversações do público [...]” (JENKINS, FORD, GREEN, 2014, p. 131), ou que, no entendimento de Henn (2014), ela materializa semioses (PEIRCE, 2002), a aplicação da Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais possibilitou uma materialização cartográfica do Vale dos Homossexuais, a compreensão de processualidades que levam a emergência de

²³Fonte <https://noticias.gospelmais.com.br/pastora-afirma-inferno-15-vezes-homossexuais-34921.html>. Acesso: 27 mai. 2017.



ciberacontecimentos ou ainda que passam a constituir linguagens com alto nível de espalhabilidade em sites de redes sociais.

O meme (DAWKINS, 1979), unidade de reprodução cultural, também ganha destaque nesse cenário, pois é através dele que os sentidos se desenvolvem em contexto social. Trabalhamos com a ideia de que os genes estão para a biosfera, como os memes estão para a semiosfera – Lotman (1996) entende a semiosfera como o espaço de convergência e metabolização de todas as semioses, ou seja, dos processos que produzem sentido na realidade. Assim, os memes se diversificam e promovem disputas intensas na semiosfera através dos processos dinâmicos da cultura. O Vale dos Homossexuais, ao se constituir nos sites de redes sociais, que possuem alto grau de conexão, possibilita a compreensão da ação dos signos, o espalhamento e constituição de sentidos e memes, a maneira como a geração de interpretantes inaugura ciberacontecimentos, delineando a nossa compreensão de territorialidades semióticas e sinalizando potências metodológicas da Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais.



O lúdico-erótico na Poética Sonora de Alceu Valença: signos em trânsito e as junturas sintáticas possíveis, Therence Santiago Alves Feitosa

Grupo de Pesquisa em Estudos da Linguagem, Educação e Cultura –
Faculdade Carlos Drummond de Andrade

Barbero (2013) aponta que a comunicação está sempre em processo, dentro de fluxos pulsantes, servindo como produtora de vínculos os quais resultam em produções de sentidos em filigranas, tecendo enroscos culturais, que marchetadamente em relações estéticas transversais ganham forma. Sendo assim, as inúmeras narrativas ganham potência. Tudo isso ocorre dentro do que Lótmán (1978) chama de Semiosfera. Os textos produzidos, geram novos textos, resultado de agudos processos tradutórios, os quais arquitetonicamente possibilitam o surgimento de diversas indumentárias tessiturais no campo da semiótica.

O objeto do presente estudo é a poética atrelada as narrativas sonoras/imagéticas presente em quatro canções do cantor Alceu Valença. A pesquisa de natureza qualitativa, se utiliza do método dedutivo, amparado por referências bibliográficas da semiótica, antropologia e demais áreas que discutem a cultura. As canções; Morena Tropicana, Como dois animais, Flor de Tangerina e Girassol, apresentam elementos interessantes em se tratando de questões atreladas as teorias da mestiçagem, bem como, teorias da semiótica da cultura.

Pensando no que fala Pinheiro (2016), é possível perceber o engendramento de tecidos adglantes (coisas que agarram, prendem e soltam) na poética sonora de Alceu Valença, a qual possibilita uma imersão nos espaços do “entre”. Espaço o qual sonoramente pegando uma ideia de Zumthor (2005) é possível se perceber a



materialidade da voz ganhando forma, pensando aqui, a potência performática da poesia tecida e apresentada em tons e letras. Nesses processos semióticos que as inúmeras séries de linguagens se fazem presentes. No entanto, não só as séries, mas, segundo Tinianov (1968, apud PINHEIRO, 2016, p.24) as interações entre elas, é o que interessa aqui, ou seja, as dobras, o momento e lugar onde ocorrem o que Canclini (2015) chama de hidridizações, que devem ser observados e pensados.

Na canção Como dois animais, o músico/poeta desenvolve uma narrativa enroscada, um ritmo quase que “arrastado” trazendo para o ritmo/tempo da canção uma possibilidade audiovisual/sinestésica de entrelaces, de semeioses complexas entre a ideia de gente/bicho e bicho/gente, o arranjo da canção favorece certa “dança” entre o flerte possível dos personagens da canção. É possível de certa forma, pensar a ideia de perspectivismos de Viveiros de Castro (2015) no que fere a questão da ideia do humano gente/humano bicho.

Na canção Morena Tropicana é apresentado em sua composição a utilização de múltiplos elementos variáveis da cultura em relação. Tais elementos semioticamente produzem nexos sintáticos em fluxos assimétricos, isso fica visível na relação entre frutas/sensações/corpo/poesia/sons. O que se tem na referente canção é o desenvolvimento de interessantes processos os quais Bakhtin (2005) chama de dialógicos, onde acabam ocorrendo o que Pinheiro (2016, p. 27) define como “ligações bordadas de mestiçagem tradutória, que fornece a mistura entre os textos”, essas misturas são encontradas em toda extensão da canção.

O corpo como espaço do sensível ganha forma e conteúdo na canção Anúnciação, onde a paixão é narrada em uma pintura cotidiana atrelada a natureza/corpo/cultura. Pensando na intensa relação entre as palavras e as coisas, nessa canção é possível



perceber as juntas semióticas brotando aos montes, tanto na letra como no arranjo. Os materiais da cultura se fundem com os materiais da natureza em uma combinação miniatural potente, traçando assim, possibilidades de expansão cada vez maiores de séries abertas em se tratando da linguagem.

Na canção Flor de Tangerina é possível perceber um ideia de expansão da forma poética em se tratando de alcances plurais e interativos. As relações entre as sensibilidades texturais frutíferas e o amor, dão ritmo e tónus a canção, que em imagens de “dentro e fora”. Mostram uma relação erótico-mestiça em progressão, desenvolvendo o que Pinheiro (2016, p.37) chama de “poética como marchetaria de incorporação”.

O que é percebido na poética/sonoro/visual das composições de Alceu Valença é que em todas as narrativas musicais é encontrado no bom sentido os excessos múltiplos em se tratando da questão do lúdico-erótico. Isso aparece como um elemento possível de tramificações semióticas interessantes no que tange as questões atreladas aos sentidos a serem percebidos/provocados/sentidos. As diversas séries de linguagens se mostram interconectadas a todo momento, isso, fruto da utilização poética de diversos elementos da cultura em relação. Tal produção se mostra importante, uma vez que em tempos de “isolamentos” de elementos da cultura (pensando aqui as questões atreladas a certos fluxos do Universo Telemático) onde o digital parece ser enaltecido a todo momento, temos ainda a poesia e suas complexidades semióticas como certa resistência a certos paradigmas dos “tais tempos” do “digital”.



PROGRAMAÇÃO

ECA-USP

7, 8 e 9 de agosto de 2017

07/08/2017

13:00 – 13:10

Abertura

13:10 – 13:40

Linguagem, cognição, sinestesia

Prof. Dr. Júlio Pinto

13:40 – 14:00

Debate

14:00 – 15:00

MESA 1 - Campos e problemas: Espaço

Por que se faz necessária uma abordagem semiótica para estudar os sistemas urbanos? GP Criatividade e Inovação no Espaço Urbano – UnB: Fátima Aparecida dos Santos

Resíduos sólidos e interpretantes. GP Semiótica em Educação Ambiental – UEL: Larissa Chaline Lopes-Lima e Patrícia de Oliveira Rosa-Silva



Um olhar fenomenológico sobre as categorias analíticas da geografia. GE de Visualização Cartográfica e História da Cartografia – UEM: Fernando Luiz de Paula Santil e Estevão Pastori Garbin

Realidade virtual: um ensaio sócio-semio-técnico. GP Meios Eletrônicos Interativos – Centro Interdisciplinar em Tecnologias Interativas – USP: Marcelo Zuffo e Eduardo Zilles Borba

15:00 – 15:30

Debate

15:30 – 16:00

Intervalo

16:00 – 17:00

MESA 2 - Campos e problemas: Epistemologia

Comunicação: empiria semiótica e episteme comunicativa. GP Espaço-Visualidade/Comunicação-Cultura – PUC-SP: Lucrécia D’Alessio Ferrara, Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa, Fábio Sadao Nakagawa, Helena Jacob, Tatiana Pontes, Eduardo Fernandes Araújo, Adriana Vaz Ramos.

A necessidade de uma teoria normativa adaptativa de direito internacional com fundamento na teoria da cognição da semiótica de Peirce. Direito-USP: Alex Silva Oliveira

A equivalência entre pensamento e signo no artigo *Questões concernentes a certas faculdades reivindicadas para o homem*. GP TransObjeto – PUC-SP: Tarcísio Cardoso e Gustavo Rick Amaral



Semióticas e semiologias: obstáculos epistemológicos de uma relação. PPG em Linguística Aplicada-UFRJ: Rodrigo Marcelino

17:00 – 17:30

Debate

17:30 – 18:30

MESA 3 - Campos e problemas: Desdobramentos

Semiótica crítica: micropolíticas da comunicação. GP Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC) - UFRGS: Alexandre Rocha da Silva; André Corrêa da Silva de Araujo, Cássio de Borba Lucas, Guilherme Gonçalves da Luz, Luis Felipe Abreu e Mário Arruda

Teorias semióticas e semiótica da música: algumas contribuições Teórico-metodológicas. MUSIMID – UNIP: Heloisa de A. Duarte Valente; Rodolfo Coelho de Souza, Juliano Oliveira, Yuri BehrKimizuka

A importante contribuição de Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal para o ensino de Arte. GE sobre Semiótica Peirceana da Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG: Ronaldo Auad Moreira

Criação ou modificação em design: contribuições de Charles Sanders Peirce para o entendimento do engendramento em design. Centro Universitário Sul de Minas: Romilson Marco dos Santos



18:30 – 19:00

Debate

08/08/2017

13:00 – 14:15

MESA 4 – Campo analítico: Corpo

Corporalidades: linguagem, gênero, perspectivas epistemológicas e espacialidades. GP em Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC) – UFRGS: Nísia Martins do Rosário, Demétrio Pereira, Mariana Somariva, Ricardo Machado

O corpo nômade como território: imagens do refúgio. Unip: Mônica Toledo Silva

Fisiognomia e astrologia: semiose da imagem humana. GP Semiótica da Comunicação – USP: Irene Machado e Leandro Anderson de Loiola Nunes

Via(da)gens no vale dos homossexuais: territorialidades semióticas em redes digitais. Laboratório de Investigação de Cibercontecimento – UNISINOS: Ronaldo Henn e Christian Gonzatti

A palavra do esporte: ESPORTÍDIA-UFU e a interlocução semiótica enquanto epistemologia na formação acadêmica e profissional em Jornalismo Esportivo. GE Analíticos em Esporte, Jogos e Mídia – UFU: Rafael Duarte de Oliveira Venâncio



14:15 - 14:45

Debate

14:45 – 15:45

MESA 5 - Campos e problemas: Interações

Territorialidades semióticas: a guerra de sentidos em redes digitais. Laboratório de Investigação de Cibercontecimento – UNISINOS: Ronaldo Henn

Comunicação e cognição: aproximações entre máquina semiótica, inteligência artificial e semiótica peirceana. GP em Imagem Midiática – UNISO: Maria Ogécia Drigo e Luís Roberto Albano Bueno da Silva

Da semiose mediatizada: em busca do dispositivo de enunciação. Centro de Estudos e Pesquisas do Discurso Mediático (CEPAD) – UFBA: Giovandro Marcus Ferreira, Claudiane de Oliveira Carvalho Sampaio, Ivanise Hilbig de Andrade, Lidiane Santos de Lima Pinheiro

A questão do interpretante na investigação de processos de semiose. GP de Leituras Avançadas de Peirce – PUC-SP: Isabel Jungk

15:45 – 16:15

Debate

16:15 – 16:45

Intervalo



16:45 – 18h00

MESA 6 - Campo analítico: Tradução

Aspectos emocionais da memória criadora em Lúri Lótman. GP Memória, Comunicação e Consumo – ESPM-SP: Mônica Rebecca Ferrari Nunes

A escolarização dos intertextos por meio da tradução intersemiótica. Letras – UEM: Andrew Marinho

A tradução intersemiótica enquanto transcrição: um exemplo em Godard. GP Palavra e Imagem em Movimento – PUC-SP: Mariana Outeiro da Silveira

Transdução, criatividade e audiodescrição. GP Poéticas Audiovisuais – PUC-MG: Julio Pinto e Flavia Mayer

Linguagens artísticas e memória em semiose: um trabalho sensível de tradução da cultura amazônica. Centro de Estudos da Oralidade – PUC-SP: Marlise Borges

18:00 – 18:30

Debate



09/08/2017

13:00 – 14:15

MESA 7 - Campo analítico: Cinema

Greimas e o componente gerativo audiovisual do cinema. GP Perfil-i – UFRJ: Ivan Capeller

Imagem em movimento: ideias deleuzeanas e peirceanas num mesmo fluxo. GP em Imagem Midiática – UNISO: Maria Ogécia Drigo

As semioses dos paratextos: os filmes que o cinema não viu. Departamento de Artes – UFSC: Patrícia de Oliveira Iuva

Semiótica discursiva e educação: exercício prático para a discussão das coerções do texto. Letras-USP: Elizabeth Harkot de La Taille e Edison Gomes Júnior

Leitura de imagens: fotografia, cinema e sinfonias de metrópole. LACIS – Análise da Imagem e do Som – UFRB: Fernanda Aguiar Carneiro Martins

14:15 – 14:45

Debate



14:45 – 16:15

MESA 8 - Campo analítico: Linguagens

Comunidade de inquirição: definindo o amor nas histórias da comunidade Nyah! Fanfiction. GP em Imagem Midiática – UNISO: Maria Ogécia Drigo e André Luis dos Santos

Linhas imaginárias: o enquadramento como conceito das Histórias em Quadrinhos à luz da semiótica. CEFET-MG: Isa Oliveira

Mutabilidade como procedimento no espaço semiótico. GP Semiótica da Comunicação – USP: Irene Machado, Daniela Osvald Ramos, Andréia Moura, Lívia Cristina Machado, Daniel Felipe Fonseca e Douglas Galan

Jornalismo cultural sobre artes visuais. GE de Jornalismo Cultural – UFPEL: Gilmar Hermes

O lúdico-erótico na Poética Sonora de Alceu Valença: signos em trânsito e as junturas sintáticas possíveis – GEPEC (Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagem, Educação e Cultura) na Faculdade Carlos Drummond de Andrade: Therence Santiago Alves Feitosa

A influência da sociedade de consumo sobre a etnia terena: análise semiótica de desenhos infantis. Grupo de Pesquisa Identidade, Avaliação e Psicoterapia – Universidade Católica Dom Bosco: Thiago Müller da Silva, Sonia Grubits, Rafael Zanata Albertini



16:15 – 16:45

Debate

16:45 – 18:00

Reunião de encerramento